

A GLÓRIA DE CRISTO

Uma versão resumida e simplificada do clássico
“Meditações sobre a glória de Cristo”
por

JOHN OWEN

Primeira impressão em 1684

Preparado por Hervey Mockford

Editor - Geral — J. K. Davies, BD; Th. D



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Caixa Postal 1287
01051 São Paulo — SP

Título original:

Meditations on the Glory of Christ

Primeira edição:

1684

Título da versão condensada:

The Glory of Christ

Compilador:

Hervey Mockford

Editora:

Grace Publications Trust, London

Tradutor:

Nadiel Pacheco Kowalski

Revisor:

Antonio Poccinelli

Primeira edição em português:

1989

Capa:

Ailton Oliveira Lopes

Impressão:

Imprensa da Fé

Índice

Prefácio	7
1. "Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste..." (João 17:24)	13
2. A glória de Cristo como único representante de Deus aos crentes	17
3. A glória de Cristo manifestada pelo mistério de Suas duas naturezas	24
4. A glória de Cristo como mediador	29
(i) Sua humilhação	
5. A glória de Cristo como mediador	32
(ii) Seu amor	
6. A glória de Cristo como mediador	34
(iii) Sua obediência	
7. A glória de Cristo como mediador	36
(iv) Sua posição exaltada no céu	
8. A glória de Cristo ilustrada no Velho Testamento	38
9. A glória de Cristo na Sua união com a Igreja	40
10. A glória de Cristo manifestada ao dar-Se aos crentes	44
11. A glória de Cristo manifestada ao reunir em Si mesmo todas as coisas	49
12. A diferença entre a presente visão de fé da glória de Cristo e nossa contemplação dela no céu	53
13. Outra diferença entre a presente visão de fé da glória de Cristo e nossa contemplação dela no céu	58
14. Diferenças adicionais entre a presente visão de fé da glória de Cristo e nossa contemplação dela no céu	64
15. Um apelo urgente àqueles que ainda não são verdadeiros crentes em Cristo	66
16. Como os cristãos podem encontrar uma graça nova para renovar suas vidas espirituais	72

Prefácio

O propósito deste livro é contar como a Bíblia descreve a glória do nosso Senhor Jesus Cristo. A Sua glória é por demais grande para que as nossas pequenas mentes a possam entender. Desta forma, nunca poderemos dar a Ele o louvor que Lhe é devido. No entanto, através da fé podemos ter algum conhecimento de Cristo e Sua glória, e esse conhecimento é melhor que qualquer outra forma de sabedoria ou entendimento. O apóstolo Paulo disse: “E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” (Filipenses 3:8). Se a nossa felicidade futura significa estar onde Cristo está e ver a Sua glória, não há melhor preparação para isso que encher os nossos pensamentos com ela desde agora. Assim, estaremos gradualmente sendo transformados naquela glória.

É apenas de Cristo que podemos nos ufanar e nos gloriar, pelas seguintes razões:

1. A nossa natureza humana foi no princípio feita em Adão e Eva à imagem de Deus, cheia de beleza e glória. Todavia, o pecado derrubou essa glória no pó e a natureza humana tornou-se completamente diferente de Deus, cuja imagem ela havia perdido. Satanás assumiu o controle e, se as coisas fossem deixadas dessa forma, a humanidade teria perecido eternamente. Mas, o Senhor Jesus, o Filho de Deus, curvou-Se em grande perdão e amor para assumir a natureza humana. Assim, a nossa natureza humana, após ter mergulhado nas maiores profundezas da miséria, agora foi erguida acima de toda a criação de Deus, pois Deus exaltou a Cristo “...pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro.” (Efésios 1:20-21). Aqueles que receberam fé e graça para entenderem corretamente o propósito da natureza humana, devem se regozijar porque ela foi elevada das profundezas do pecado para a glória que agora recebeu mediante a honra concedida a Cristo.

2. Em Cristo, o relacionamento da nossa natureza com Deus é sempre o mesmo. Contudo, a nossa amizade original com Deus, na criação, foi rompida pela queda do homem. Os seres humanos se tornaram inimigos de Deus. Mas a sabedoria e a graça de Deus planejaram restabelecer novamente a nossa natureza à semelhança da Sua, e fazê-lo de tal forma que tornasse qualquer separação entre nós e Ele impossível. Não podemos deixar de nos admirar que a nossa natureza possa participar da vida gloriosa de Deus. A sabedoria onipotente, poder e bondade tornaram isso possível através de Cristo. Esta obra de Deus é parte do mistério da peidade que os anjos desejam perscrutar. (I Pedro 1:12). Quão pecaminosos e tolos seremos nós se pensarmos muito em outras coisas e não o suficiente nisso. O grande amor de Deus para com a humanidade é demonstrado pelo fato de o Filho de Deus não ter vindo à terra como um anjo, e sim como homem — o homem Cristo Jesus — tendo natureza humana como a nossa.

3. Cristo mostrou que é possível para a nossa natureza humana morar no céu. As nossas mentes não podem entender o número e as distâncias das estrelas no céu. Como, então, supomos que os seres humanos podem morar num céu mais glorioso que o firmamento? Todavia, a nossa natureza, no homem Cristo Jesus foi para o céu eterno de luz e glória e Ele prometeu que onde estivesse ali estaríamos com Ele para sempre.

Tentações, provações, tristezas, temores, medos e doenças são parte desta vida presente. Todas as nossas ocupações têm problemas e tristezas nelas. Se considerarmos porém, a glória de Cristo que iremos compartilhar, podemos obter alívio de todos esses males e ganhar a vitória sobre eles. “Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos mas não destruídos. Por isso não desfalecemos: mas ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia, porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; não atentando nós nas coisas que se vêem mas nas que não se vêem; porque as que se vêem são temporárias, e as que não se vêem são eternas.” (II Coríntios 4:8-9,16-18). O que são todas as coisas desta vida, quer sejam boas ou más, comparadas com o benefício a nós da excelente glória de Cristo?

A condição em que as nossas mentes se encontram é o que geralmente nos causa os maiores problemas. O salmista perguntava a si mesmo: “Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas em mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei na salvação da sua presença.” (Salmo 42:5,11).

A centralização de nossos pensamentos, pela fé na glória de Cristo, trará paz e calma à mente perturbada e desordenada. É através de Cristo que “...temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus...porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” (Romanos 5:2-5).

Podemos até pensar com alegria na morte quando fixamos nossos pensamentos na glória de Cristo. Muitos vivem com receio da morte todos os seus dias. Como podemos vencer estes temores?

1. Devemos deliberadamente entregar as nossas almas, ao partirmos deste mundo, nas mãos dAquele que pode recebê-las e guardá-las. A alma, sozinha e por si mesma, tem que ir para a eternidade. Ela deixa para trás, para sempre, tudo o que conheceu anteriormente pelas suas faculdades próprias e naturais.

Deve haver, portanto, um ato de fé ao entregar a alma à disposição de Deus, como Paulo foi capaz de fazer. “...eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia” (II Timóteo 1:12).

O Senhor Jesus Cristo é o nosso grande exemplo. Quando Ele despediu o Seu espírito, Ele entregou a Sua alma nas mãos de Deus o Pai, em total confiança que ela não sofreria nenhum mal. “Portanto está alegre o meu coração e se regozija a minha glória: também a minha carne repousará segura. Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.” (Salmo 16:9-10). O último e vitorioso ato de fé acontece na morte. A alma poderá, então, dizer para si mesma: “Você está agora deixando o tempo e entrando naquelas coisas eternas que o olho natural não viu, nem o ouvido ouviu, nem o coração do homem tem sido capaz de imaginar. Desta forma, em silêncio e confiança entregue-se à soberana graça, verdade e fidelidade de Deus, e encontrará descanso e paz”. Jesus Cristo imediatamente recebe a alma

daqueles que crêem nEle, como no caso de Estêvão.

Quando morria, ele disse: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito” (Atos 7:59). O que poderia ser de maior encorajamento para entregar as nossas almas nas mãos de Cristo, na hora da morte, do que conhecer em cada dia de nossas vidas alguma coisa de Sua glória, do Seu poder e da Sua graça?

2. Como seres humanos, não somos semelhantes aos anjos que são apenas espírito e não podem morrer. Nem somos semelhantes aos animais que não possuem alma eterna. Mas Deus designou para nós uma ressurreição gloriosa do corpo que não mais terá uma natureza física; seremos mais semelhantes aos anjos. Nesta vida há uma relação tão íntima entre alma e corpo que nós tentamos tirar da cabeça qualquer pensamento sobre a sua separação. Como é possível, então, ter tal disposição de morrer, a exemplo do apóstolo Paulo quando disse: “mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor” (Filipenses 1:23)? Essa disposição só pode ser encontrada se olharmos pela fé para Cristo e Sua glória, tendo a certeza que estar com Ele é melhor do que tudo quanto esta vida possa oferecer.

Se quisermos morrer alegremente, devemos pensar em como Deus nos chamará do túmulo na ressurreição. Então, pelo Seu grandioso poder, Ele não apenas nos restaurará à glória de Adão e Eva na criação, como também nos acrescentará ricas bênçãos além da nossa imaginação. Devemos, também, nos lembrar que apesar do corpo e da alma do nosso glorioso Salvador terem sido separados na morte (à semelhança que os nossos também o serão), Ele agora possui grande glória. O Seu exemplo pode nos dar esperança.

3. Deve haver uma disposição nossa em aceitar o tempo de Deus para morrermos. Podemos, à semelhança de Moisés, desejar ver mais da gloriosa obra de Deus em favor do Seu povo na terra. Ou, à semelhança de Paulo, podemos sentir que seja necessário, para o benefício de outros, que vivamos um pouco mais. Pode ser que desejemos ver as nossas famílias e as nossas coisas numa condição melhor e mais estabelecidas.

Mas não podemos ter paz neste mundo, a não ser que estejamos dispostos a nos submeter à vontade de Deus com respeito à morte. Os nossos dias estão em Suas mãos, à Sua soberana disposição. Devemos aceitar is-

so como sendo o melhor.

4. Alguns podem não temer a morte, porém podem temer a maneira como morrerão. Uma longa doença, grandes dores, ou alguma forma de violência poderiam ser uma maneira de trazer a nossa vida terrena a um fim. Devemos ser sábios, como se estivéssemos sempre prontos para passar por qualquer experiência que Deus nos permita passar. Não seria correto que Ele fizesse o que deseja com o que Lhe pertence? Acaso a vontade dEle não é infinitamente santa, sábia, justa e boa em todas as coisas? Ele não sabe o que é melhor para nós e o que trará maior glória para Si mesmo? Muitas pessoas descobriram que são capazes de suportar as coisas que mais temiam porque receberam maior força e paz do que podiam imaginar que lhes fosse dado.

No entanto, nenhuma dessas quatro coisas podemos fazer, a não ser que acreditemos na excelente glória de Cristo e desfrutemos dela.

Muitas outras vantagens de se meditar na glória de Cristo ainda poderiam ser ditas, porém a minha fraqueza e a proximidade da morte me impedem que eu escreva aqui com maiores detalhes.

* Este foi o último livro escrito por John Owen, que morreu em 1683. Estava sendo impresso quando ele morreu, e foi publicado em 1684. Estes fatos dão um especial significado ao livro. Os capítulos 15 e 16 não foram, na verdade, incluídos na primeira edição do livro porque só foram encontrados depois da sua impressão — nos manuscritos de Owen. Os mesmos foram acrescentados às edições subseqüentes do livro e estão incluídos aqui também.

“Para que vejam a minha glória”

(João 17:24)

O sumo sacerdote do Velho Testamento, após fazer os sacrifícios que eram exigidos, no dia da expiação, entrava no lugar santo com as suas mãos cheias de incenso perfumado que ele colocava no fogo diante do Senhor. Da mesma forma, o grande Sumo Sacerdote da Igreja, o nosso Senhor Jesus Cristo, tendo Se sacrificado pelos nossos pecados, entrou no céu com o doce perfume de Suas orações pelo Seu povo. O Seu eterno desejo para a salvação do Seu povo é expresso no versículo em destaque acima: “Para que vejam a minha glória”. José pediu a seus irmãos que contassem a seu pai sobre toda a sua glória no Egito (Gênesis 45:13), não para dar uma amostra ostensiva daquela glória, mas para dar a seu pai a alegria de conhecer a sua alta posição naquela terra. Da mesma forma, Cristo desejava que Seus discípulos vissem a Sua glória para que pudessem estar satisfeitos e usufruir a plenitude de Suas bênçãos para todo o sempre.

Uma vez tendo conhecido o amor de Cristo, o coração do crente estará sempre insatisfeito até a glória de Cristo seja vista. O clímax das petições que Cristo faz a favor dos Seus discípulos é que possam contemplar a Sua glória. É por isso que eu afirmo que um dos maiores benefícios para um crente neste mundo e no porvir é considerar a glória de Cristo.

Desde que o nome do cristão é conhecido no mundo, não tem havido tanta oposição direta à singularidade e glória de Cristo como nos dias atuais. É o dever de todos aqueles que amam o Senhor Jesus de testificar, conforme suas habilidades, da Sua singularidade e glória.**

* Isto é, 1683.

** Veja capítulo 3, onde essa singularidade é exposta detalhadamente.

Eu gostaria, portanto, de fortalecer a fé dos verdadeiros crentes ao mostrar que ver a glória de Cristo é uma das maiores experiências e privilégios possíveis neste mundo ou no outro. “Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (II Coríntios 3:18). Na eternidade seremos como Ele, porque O veremos como Ele é (veja I João 3:2).

Este conhecimento de Cristo é a vida contínua e a recompensa de nossas almas. Aquele que tem visto a Cristo também tem visto o Pai; a luz do conhecimento da glória de Deus é vista apenas na face de Jesus Cristo. (João 14:9; II Coríntios 4:6).

Há duas maneiras de ver a glória de Cristo: mediante a fé, neste mundo, e, por meio da fé, no céu eternamente. É à segunda maneira que se refere principalmente na oração sacerdotal de Cristo — que os Seus discípulos possam estar onde Ele está, para contemplar a Sua glória. Mas a visão da Sua glória pela fé, neste mundo, também está incluída e eu dou as seguintes razões por enfatizar isso:

1. Nenhum homem jamais verá a glória de Cristo no futuro se ele não tiver alguma visão dela, pela fé, no presente. Devemos estar preparados pela graça para a glória, e pela fé para a visão. Algumas pessoas, que não têm fé verdadeira, imaginam que verão a glória de Cristo no céu; porém estão apenas se iludindo. Os apóstolos viram a Sua glória, “e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14). Essa não era uma glória deste mundo como a dos reis ou a do papa. Apesar de ter criado todas as coisas, Cristo não tinha onde reclinar a Sua cabeça. Não havia glória ou beleza incomum em Sua aparência como homem. A Sua face e Suas formas se tornaram mais desfiguradas que as de qualquer outro homem. (veja Isaías 52:14; 53:2). Não era possível ser vista neste mundo a glória total de Sua natureza divina. Como então os apóstolos viram a Sua glória? Foi pela compreensão espiritual da fé. Quando eles viram como Ele era cheio de graça e verdade e o que Ele fazia e como falava, eles “o receberam e creram no seu nome” (João 1:12). Aqueles que não tinham essa fé não viram nenhuma glória em Cristo.

2. A glória de Cristo está muito além do alcance de nossa presente

compreensão humana. Não podemos olhar diretamente para o sol sem ficarmos cegos. Semelhantemente, com os nossos olhos naturais não podemos ter nenhuma visão verdadeira da glória de Cristo no céu; ela apenas pode ser conhecida pela fé.

Aqueles que falam ou escrevem sobre a imortalidade da alma, sem ter conhecimento de uma vida de fé, não podem ter convicção daquilo que dizem. Há também aqueles que usam imagens, quadros e músicas em uma tentativa inútil de ajudá-los a adorar algo que eles imaginam ser como a glória de Cristo. Isso, porque não têm uma verdadeira compreensão espiritual da glória de Cristo. O entendimento que vem apenas através da fé é que nos dará uma idéia verdadeira da glória de Cristo e criará um desejo para um completo desfrute dela.

3. Entretanto, se quisermos ter uma fé mais ativa e um maior amor para com Cristo, que dêem descanso e satisfação às nossas almas, precisamos ter um maior desejo de compreender melhor a Sua glória nesta vida. Isto significará que cada vez mais as coisas deste mundo terão menor atração para nós até que se tornem indesejáveis como algo morto. Não deveríamos procurar por nada no céu a não ser pelas coisas de que já temos alguma experiência nesta vida. Se estivéssemos totalmente convencidos disso estaríamos pensando mais nas coisas celestiais do que normalmente estamos.

Antes de tentar conduzir os crentes a experiências mais pessoais de fé, amor e santa meditação, eu mencionarei algumas das vantagens que surgem de pensarmos constantemente na glória de Cristo pela fé.

1. Seremos moldados por Deus para o céu. Muitos pensam que já estão suficientemente preparados para a glória, como se eles a pudessem alcançar. Mas não sabem o que isso significa. Não há o menor prazer na música para um surdo, nem em belas cores para um cego. Da mesma forma, o céu não seria um lugar de prazer para as pessoas que não tivessem sido preparadas para ele nesta vida pelo Espírito. O apóstolo dá "...graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz" (Colossenses 1:12). A vontade de Deus é que devemos conhecer as primícias da glória aqui e a sua plenitude no futuro. Porém, somos feitos capazes de receber o conhecimento dessa glória pela atividade espiritual da fé. O nosso conhecimento atual da glória é nossa preparação para a

glória futura.

2. Uma visão verdadeira da glória de Cristo tem o poder de mudar-nos até que nos tornemos semelhantes a Cristo. (II Coríntios 3:18).

3. Uma meditação constante sobre a glória de Cristo dará descanso e satisfação às nossas almas. Trará paz às nossas almas que tantas vezes estão cheia de medos e pensamentos perturbadores. “Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do espírito é vida e paz” (Romanos 8:6). As coisas desta vida nada são quando comparadas com o grande valor e beleza de Cristo, como Paulo disse: “E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas as coisas, e as considero como esterco para que possa ganhar a Cristo” (Filipenses 3:8).

4. O conhecimento da glória de Cristo é a fonte de nossa bem-aventurança eterna. Vendo-O como Ele é, seremos feitos em semelhança a Ele. (veja I Tessalonicenses 4:17; João 17:24; I João 3:2).

Deus é tão grandioso que não podemos vê-LO com os nossos olhos naturais, e mesmo quando estivermos no céu, não poderemos entender todas as coisas sobre Ele, porque Ele é infinito. A visão abençoada que teremos lá de Deus, sempre será “na face de Jesus Cristo” (II Coríntios 4:6) e isto será o suficiente para nos encher de paz e uma sensação de descanso e glória.

No entanto, mesmo nesta vida os verdadeiros crentes às vezes têm um antegozo da bem-aventurança proveniente de conhecer a Cristo. As Escrituras e o Espírito Santo lhes apresentam a glória de Deus, que brilha em Cristo, de tal forma que enche suas vidas com indescritível alegria e paz. Estas experiências não são freqüentes mas isso é devido ao nosso estado doentio e falta de luz espiritual. A glória resplandeceria em nossas almas com maior freqüência se fôssemos diligentes em nossas responsabilidades de meditar na glória de Cristo.

Nos capítulos dois a onze eu tentarei responder à pergunta: “O que é a glória de Cristo que podemos contemplar pela fé, e como nós a vemos?” E dos capítulos doze a catorze: “De que maneira o conhecimento da fé se difere da visão imediata de Cristo no céu?”

A glória de Cristo como o único representante de Deus aos crentes

A glória de Deus procede de Sua natureza santa e das excelentes coisas que Ele faz. Todavia, só podemos ver a Sua glória apenas através de Jesus Cristo, quando olhamos para Ele. (II Coríntios 4:6). Cristo é “o resplendor da glória do Pai” e “a imagem do Deus invisível” (Hebreus 1:3; Colossenses 1:15). Ele nos mostra a gloriosa natureza de Deus e revela a Sua vontade para nós. Sem Cristo, nunca veríamos a Deus por nenhum momento, quer aqui ou na eternidade (João 1:18). Ele e o Pai são um. Quando Cristo tornou-Se homem Ele revelou a glória do Seu Pai. Somente Ele torna conhecida a anjos e seres humanos a glória do Deus invisível.

Esta revelação é a rocha na qual a Igreja está construída, o fundamento firme de todas as nossas esperanças de salvação e de vida eterna. Aqueles que não podem ver essa glória de Cristo pela fé, não conhecem a Deus. São como os judeus e gentios incrédulos de antigamente. “Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus” (I Coríntios 1:22-24).

Desde que começou a pregação do evangelho, o grande objetivo do maligno tem sido o de cegar os olhos das pessoas para que não possam ver a glória de Cristo. “Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século ce-

gou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (II Coríntios 4:3-4). Esta cegueira ou escuridão espiritual é curada naqueles que crêem pelo grande poder de Deus. “Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo” (II Coríntios 4:6).

Uma grande parte da miséria e castigo da humanidade, por causa da queda de Adão ao pecar, é a densa escuridão e ignorância que cobriu a mente humana desde então. Os homens e mulheres têm-se vangloriado que são sábios, mas a sua sabedoria não os trouxe até Deus. (I Coríntios 1:12; Romanos 1:21). Nem mesmo a argumentação dos filósofos sobre aquelas coisas que são invisíveis e que ultrapassam a compreensão humana livra as pessoas da idolatria e da prática de todos os tipos de pecado. Satanás é o príncipe das trevas e ele estabeleceu o seu reino tenebroso nas mentes humanas, mantendo-as em ignorância de Deus. Toda a maldade e confusão entre os seres humanos vem dessas trevas e dessa ignorância. Deus podia ter deixado que perecêssemos na cegueira e ignorância dos nossos ancestrais. Todavia, Ele nos trouxe “das trevas para a sua maravilhosa luz” (I Pedro 2:9).

A glória e privilégio especiais de Israel foram as palavras de Deus. Ele “mostra a sua palavra a Jacó, os seus estatutos e os seus juízos a Israel. Não fez assim a nenhuma outra nação; e, quanto aos seus juízos, não os conhecem” (Salmo 147:19-20). E Deus ainda falou-lhes através da negra escuridão porque eles não podiam compreender a glória que posteriormente seria conhecida em Cristo. Quando Cristo veio, foi possível ver que “Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma” (I João 1:5). Quando o Filho de Deus apareceu na semelhança de homem, Deus mostrou que a natureza divina era uma natureza gloriosa de três pessoas em uma - a Trindade. A luz deste conhecimento brilhou na escuridão do mundo a fim de que ninguém pudesse continuar ignorante de Deus, exceto aqueles que não podiam ver (João 1:5,14,17-18; II Coríntios 4:3-4). A glória de Cristo é que Ele revela esta verdade sobre a natureza invisível de Deus.

Quando nós a princípio cremos, vemos Deus o Pai em Cristo. Não necessitamos do pedido de Felipe: “Senhor, mostra-nos o Pai”, porque, vendo Cristo pela fé, temos também visto o Pai. (João 14:8-9). Davi an-

siava por esta visão. “Ó Deus, tu és o meu Deus; de madrugada te buscarei: a minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água, para ver a tua fortaleza e a tua glória, como te vi no santuário” (Salmo 63:1-2). No tabernáculo havia apenas uma representação muito obscura da glória de Deus. Portanto, devemos valorizar a visão que podemos ter dessa glória, apesar de ainda “como em um espelho” (II Coríntios 3:18). Moisés havia visto muitas obras maravilhosas de Deus, mas ele sabia que a real satisfação da alma estava em ver a glória de Deus. Então ele ora: “Rogo-te que me mostres a tua glória” (Êxodo 33:18). É apenas em Cristo que podemos ter uma clara e distinta visão da glória de Deus e de Sua superioridade.

Sabedoria infinita é parte da natureza divina e fonte de todas as obras gloriosas de Deus. “Mas onde se achará a sabedoria? E onde está o lugar da inteligência?” (Jó 28:12). Podemos ver a sabedoria pelos seus efeitos, cujo maior deles é a salvação da Igreja. O apóstolo Paulo foi chamado “A demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou; para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus” (Efésios 3:9-10). A sabedoria divina que vemos ao nosso redor no mundo criado, mesmo sendo grande como é, ainda é pequena se for comparada com a sabedoria de Deus tornada conhecida a nós através de Jesus Cristo. Mas, apenas os crentes vêem a sabedoria de Deus em Cristo; ela não é vista pelos incrédulos (I Coríntios 1:22-24). Se formos bastante sábios para ver essa sabedoria claramente, teremos um “gozo inefável e glorioso” (I Pedro 1:8).

Devemos, também considerar o amor de Deus como parte da natureza divina, “porque Deus é amor” (I João 4:8). As melhores idéias dos homens são imperfeitas e afetadas pelo pecado. Pensam que Deus é indolente ou alguém que é simplesmente como eles mesmos (veja Salmo 50:21). Aqueles que não conhecem a Cristo não imaginam que apesar de Deus ser amor, a Sua ira “se manifesta do céu sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça” (Romanos 1:18). Como, então, podemos conhecer o amor de Deus e ver a Sua glória nele? O apóstolo nos diz: “Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: que Deus enviou o seu filho unigênito ao mundo para que por ele vivamos” (I João 4:9). Esta é a única evidência dada a nós de que Deus

não tivesse vindo para nos mostrar a verdadeira natureza e atividade do amor divino. Aqui vemos como Cristo é belo, glorioso, e desejável, porque Ele é quem mostra que Deus é amor.

Ver essa glória é a única maneira possível para obtermos santidade, conforto e preparação para a glória eterna. Considerem, então, o que Deus tornou conhecido sobre Si mesmo por meio do Seu Filho, especialmente a Sua sabedoria, amor, bondade, graça e perdão. A vida de nossas almas depende destas coisas. Como o Senhor Jesus é o único caminho para essas bênçãos. Ele deve ser sumamente glorioso aos olhos dos crentes!

Há aqueles que olham para Cristo como um grande professor, mas não como a única expressão do Deus invisível. Mas se vocês têm um desejo por coisas celestiais, eu lhes pergunto: “Por que amam e confiam em Cristo? Podem dar uma razão para a esperança que existe em vocês? A razão seria porque vocês vêem a glória de Deus manifestada através de Cristo e as bênçãos da salvação que de outra forma estariam escondidas eternamente de vocês?” Há uma promessa para os dias do Novo Testamento que “Os teus olhos verão o Rei na sua formosura, e verão a terra que está longe” (Isaías 33:17). O que é esta beleza de Cristo? Ela significa que Deus está nEle e que Ele é o único representante da glória de Deus a nós. Quem pode descrever a glória deste privilégio que nós, nascidos nas trevas, e destinados a ser jogados nas mais profundas trevas, pudéssemos ser trazidos até essa maravilhosa luz? “Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo” (II Coríntios 4:6).

A incredulidade cega os olhos do entendimento das pessoas. Mesmo entre aqueles que dizem ter um conhecimento de Cristo, há apenas alguns que realmente entendem a Sua glória e que são transformados em Sua semelhança. Ninguém jamais se tornará semelhante a Cristo simplesmente por imitar as Suas ações. Somente uma experiência da glória de Cristo é capaz de tornar um crente semelhante a Cristo. A triste verdade é que os melhores de nós não desejam gastar o seu tempo pensando seriamente neste assunto. Pensamentos a respeito da glória de Cristo são muito elevados e muito difíceis para nós. Não conseguimos nos deleitar por muito tempo neles sem que fiquemos tristes e nos desviemos deles.

Não somos espirituais e os nossos pensamentos e desejos estão misturados com outras coisas. Se apenas nos despertássemos para crer nas “coisas que os anjos desejam perscrutar”, a nossa força e entendimento espirituais estariam crescendo diariamente. Então demonstraríamos mais da glória de Cristo pela nossa maneira de viver e até a morte seria bem vinda a nós!

Há aqueles que dizem não entender estas coisas. De qualquer forma, dizem eles, tal entendimento não é necessário para vivermos uma vida cristã prática. A minha resposta a esta objeção é a seguinte:

1. Não há nada que seja mais claro e plenamente revelado no evangelho de que Jesus Cristo é a expressão do Deus invisível, de modo que, vendo-O, vemos também o Pai. Se esta verdade essencial não é recebida e aceita, todas as outras verdades bíblicas se tornam inúteis para as nossas almas. O evangelho inteiro é transformado numa fábula se apenas aceitarmos Cristo como um grande professor e não aceitarmos a verdade do Seu caráter único.* 2. A principal razão porque a fé nos é dada é para que possamos ver a glória de Deus em Cristo e meditar em todos os seus efeitos. Se não tivermos esse entendimento, que é dado pelo poder de Deus àqueles que crêem, não saberemos nada a respeito do mistério do evangelho (Efésios 1:17-19; II Coríntios 4:3-6). 3. Cristo é infinitamente glorioso, acima de toda a criação, porque é apenas através dEle que a glória do Deus invisível é-nos revelada integralmente, sempre por meio dEle é que a imagem de Deus é renovada em nós. 4. Fé em Cristo, como reveladora da glória de Deus, é a raiz da qual toda a prática cristã brota e se desenvolve. Todo aquele que não possui este tipo de fé não pode ser um verdadeiro cristão.

Àqueles que acham que este ensinamento sobre fé é um tanto estranho, mas gostariam de saber mais a respeito, eu dou os seguintes conselhos:

i. O maior privilégio desta vida é o de ver a glória de Deus, o Pai, em toda a Sua santidade, demonstrada em Cristo. “E esta é a

* Esta verdade é explicada no capítulo 3.

vida eterna: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). A não ser que vocês valorizem isto como um grande privilégio, não o aproveitarão.

ii. O nosso conhecimento de Cristo é um grande mistério que requer muita sabedoria espiritual para entender e para torná-lo de valor prático. A argumentação humana de nada nos adiantará; devemos ser ensinados por Deus mesmo. (Veja João 1:12-13; Mateus 16:16-17). Assim como o artífice deve estar bem treinado nas habilidades da sua arte, nós também devemos usar os meios estabelecidos por Deus para que sejamos crentes hábeis. O principal destes meios é oração fervorosa. Orem como Moisés para que Deus possa lhes mostrar a Sua glória. Orem como Paulo “Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação” (Efésios 1:17). Almas preguiçosas nunca obtêm experiências dessa glória, mas é agradável procurar essas coisas da maneira que Deus ordena.

iii. Atendem para os ímpios — quão decididamente eles perseguem os seus desejos pecaminosos e neles meditam continuamente. Será que nós seremos preguiçosos em meditar na glória que um dia esperamos ver na sua plenitude?

iv. Os céus declaram a glória de Deus, mas neles aprendemos sobre essa glória face ao conhecimento dela a nós revelada em Cristo Jesus. As pessoas mais inteligentes e os maiores pensadores são cegos se comparados com aqueles que são os menores no reino dos céus, mas que conhecem a glória de Cristo.

O que deveríamos desejar, realmente, é conhecer o poder desta verdade em nossos corações. Quereríamos ter a mesma alegria, descanso, prazer e satisfação indescritível como os santos que estão nas alturas? O nosso presente conhecimento da glória de Cristo é o início destas bênçãos e mediante experiências posteriores descobriremos uma mudança para melhor em nossas almas. Estas coisas invisíveis são preciosas àqueles que continuam a meditar nelas, cujo deleite é caminhar nas veredas da fé e do amor.

Três pontos finais seguem daquilo que estamos considerando:

1. Sabemos que a sabedoria, bondade, amor, graça, perdão e poder de Deus são infinitamente gloriosos porque existem nEle. Todavia, só podemos entendê-los quando temos uma visão satisfatória e calorosa deles e os vemos operando para a redenção da Igrej. Então a glória deles brilha sobre nós, trazendo-nos refrigério e alegria indescritíveis. “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória pois a ele eternamente. Amém” (Romanos 11:33-36).

2. É por meio de Jesus que cremos em Deus (I Pedro 1:21). Assim, o objetivo final de nossa fé é Deus mesmo; mas vemos a Sua glória através de Cristo, o qual é o caminho divinamente designado para revelar a glória de Deus.

3. Cristo é o único caminho pelo qual os homens podem obter um conhecimento salvador de Deus. Os maiores pensadores religiosos do mundo estão apenas tateando nas trevas da compreensão limitada humana. Como um raio de luz numa noite escura ofusca a visão ao invés de mostrar o caminho ao viajante, assim a luz do conhecimento de Deus em Cristo brilha sobre o incrédulo mergulhado em trevas, e mesmo assim ele não vê o caminho por causa de sua incredulidade. Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? ... “mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus” (I Coríntios 1:20-24).

A glória de Cristo manifestada pelo mistério de Suas duas naturezas

A glória de duas naturezas de Cristo numa única pessoa é tão grande que o mundo incrédulo não pode ver a luz e a beleza que irradiam dela. Muitos hoje negam que Jesus Cristo é Filho de Deus e Filho do homem ao mesmo tempo. Mas, esta é a glória que os anjos “anelam perscrutar” (I Pedro 1:2). Satanás levantou-se em orgulho contra Deus no céu, e depois tentou destruir os seres humanos na terra, os quais foram feitos à imagem de Deus. Sua grande sabedoria, Deus uniu em Seu Filho ambas as naturezas contra as quais Satanás havia pecado. Cristo, o Deus-homem, triunfou sobre Satanás através de Sua morte na cruz. Aqui está o fundamento da Igreja. Deus “suspende a terra sobre o nada” (Jó 26:7). Entretanto, Ele fundou a Sua Igreja nesta rocha inamovível: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16). Este glorioso fato é mencionado em Isaías 9:6: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”.

Assim como o fogo estava na sarça que Moisés viu, igualmente a plenitude da deidade habitava corporalmente em Cristo, que foi feito carne e habitou entre nós. (Êxodo 3:2; Colossenses 2:9; João 1:14). O eterno fogo da natureza divina habitou na sarça da frágil natureza humana, contudo a natureza humana não foi consumida. Então vemos “a benevolência daquele que habitava na sarça” dirigida a nós, pecadores (Deuteronômio 33:16). Da mesma forma que foi dito a Moisés para tirar as suas sandálias, nós também devemos tirar de nossos pensamentos to-

dos os desejos e imaginações que procedem de nossa natureza humana decaída, para que pela operação da nossa fé possamos ver a glória de Jesus Cristo. Espero que o que se segue nos mova a buscar de Deus o espírito de sabedoria e revelação para abrir os olhos do nosso entendimento.

1. Estejamos absolutamente certos de que essa glória de Cristo em Suas naturezas divina e humana é o melhor, o mais nobre e o mais útil objeto em que podemos pensar. O apóstolo Paulo afirma que todas as outras coisas são apenas perda e quando comparadas com ela, como esterco (Filipenses 3:8-10). As Escrituras falam da estultícia das pessoas em gastar "...o dinheiro naquilo que não é pão, e o produto do seu trabalho naquilo que não pode satisfazer" (Isaías 55:2). Eles fixam seus pensamentos em seus prazeres pecaminosos, e se recusam de olhar para a glória de Cristo. Alguns chegam a ter pensamentos mais elevados sobre as obras da criação de Deus e de Sua providência, mas não há glória nessas coisas que se possa comparar com a glória das duas naturezas de Cristo. No Salmo oito, Davi está meditando na grandeza das obras de Deus. Isto o faz pensar na pobre e fraca natureza do homem, que parece como nada se comparada àquelas glórias. Então ele começa a admirar a sabedoria, amor e bondade de Deus por exaltar acima de todas as obras da criação a nossa natureza humana que estava em Jesus Cristo. O autor sagrado explica isto em Hebreus 2:5-6.

Como são agradáveis e desejáveis as coisas deste mundo — esposa, filhos, amigos, posses, poder e honra! Mas a pessoa que tem todas estas coisas e também o conhecimento da glória de Cristo dirá: "A quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti" (Salmo 73:25) pois "Quem no céu se pode igualar ao Senhor? Quem é semelhante ao Senhor entre os filhos dos poderosos?" (Salmo 89:6). Apenas uma olhada na gloriosa beleza de Cristo é suficiente para vencer e capturar os nossos corações. Se não estamos olhando com frequência para Ele, refletindo sobre a Sua glória, é porque as nossas mentes estão muito cheias de pensamentos terrenos. Desta forma, não estamos nos apossando da promessa de que nossos olhos verão o Rei em Sua beleza.

2. Uma das atividades da fé consiste em examinar as Escrituras, porque elas declaram a verdade sobre Cristo (veja João 5:39). Vamos ver a

glória de Cristo nas Escrituras de três modos:

i. Por meio de descrições diretas de Sua encarnação e Seu caráter como Deus-homem. Gênesis 3:15; Salmos 2:7-9; 45:2-6; 78:17-18 e 110:1-7; Isaías 6:1-4; 9:6; Zacarias 3:8; João 1:1-3; Filipenses 2:6-8; Hebreus 1:1-3; 2:4-16; Apocalipse 1:17-18.

ii. Mediante numerosas profecias, promessas e outras expressões que nos levam a considerar Sua glória.

iii. Pelos exemplos de adoração divina que Deus instituiu no Velho Testamento e pelo testemunho direto dado a Ele do céu no Novo Testamento. Isaías disse: “Eu vi ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; e o seu séquito enchia o templo” (Isaías 6:1). Esta visão de Cristo foi tão gloriosa que os serafins (criaturas celestiais que assistem nos céus) tiveram que cobrir as suas faces. Contudo, maior ainda foi a glória revelada abertamente nos dias apostólicos! Pedro nos diz que ele e os outros apóstolos foram testemunhas oculares da majestade do Senhor Jesus Cristo. “Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo, segundo fábulas artificialmente compostas: mas nós mesmos vimos a sua majestade. Porquanto ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória lhe foi dirigida a seguinte voz: Este é o meu filho amado, em quem me tenho comprazido” (II Pedro 1:16-17). Deveríamos ser como o que procura por todo tipo de pérolas. Quando ele encontra uma de grande preço, vende tudo o que possui para que possa adquiri-la. (Mateus 13:45-46). Cada verdade das Sagradas Escrituras é uma pérola que nos enriquece espiritualmente, mas quando nos deparamos com a glória de Cristo encontramos tanta alegria que nunca mais desejaremos dispor dessa pérola de grande valor. O glorioso da Bíblia é que agora ela é a única forma tangível de nos ensinar sobre a glória de Cristo.

3. Devemos meditar frequentemente sobre o conhecimento da glória de Cristo que obtemos da Bíblia. As nossas mentes devem ser espirituais e santas e libertas de todos os cuidados e afeições terrenos. A pessoa que não medita agora com prazer na glória de Cristo nas Escrituras, não terá nenhum desejo de ver aquela glória nos céus. Que tipo de fé e amor têm as pessoas que acham tempo para meditar sobre muitas outras coi-

sas, mas não têm tempo para meditar neste assunto glorioso?

4. Os nossos pensamentos devem se voltar para Cristo sempre que haja uma oportunidade a qualquer hora do dia. Se somos verdadeiros crentes e se a Palavra de Deus está em nossos pensamentos, Cristo está perto de nós (Romanos 10:8). Nós O encontraremos pronto para falar conosco e manter comunhão. Ele diz: “Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo” (Apocalipse 3:20). É verdade que há momentos em que Ele Se retira de nós e não podemos ouvir a Sua voz. E quando isso acontece, não podemos ficar contentes. Devemos ser como a noiva no Cântico de Salomão 3:1-4: “De noite busquei em minha cama aquele a quem ama a minha alma: busquei-o, e não o achei. Levantar-me-ei, pois e rodearei a cidade; pelas ruas e pelas praças buscarei aquele a quem ama a minha alma; busquei-o, e não o achei. Acharam-me os guardas, que rondavam pela cidade; eu perguntei-lhes: vistes aquele a quem ama a minha alma? Apartando-me eu um pouco deles, logo achei aquele a quem ama a minha alma: detive-o, até que o introduzi em casa de minha mãe, na câmara daquela que me gerou”.

A experiência da vida espiritual de um cristão é forte em proporção aos seus pensamentos sobre Cristo que nele habita e seu deleite nEle (Gálatas 2:20). Se tivermos deixado Cristo ausente de nossas mentes por muito tempo, devemos nos censurar por isso.

5. Todos os nossos pensamentos sobre Cristo e Sua glória devem ser acompanhados de admiração, adoração e ações de graças. Somos convidados a amar o Senhor com toda a nossa alma, mente e força (Marcos 12:30). Se somos verdadeiros crentes, a graça de Cristo opera em nossas mentes e almas renovadas e nos ajuda a fazer isso. Na vinda de Cristo como juiz no último dia, os crentes ficarão cheios de um tremendo sentimento de admiração por Sua gloriosa aparência — “...quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável naquele dia em todos os que crêem” (II Tessalonicenses 1:10). Essa admiração se transformará em adoração e ações de graças; um exemplo disso é dado em Apocalipse 5:9-13, onde toda a Igreja dos redimidos canta um novo cântico. “E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação; e

para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra. E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhares de milhares e milhões de milhões, que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória e ações de graças. E ouvi a toda criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre”.

Há algumas pessoas que têm esperança de ser salvos por Cristo e de ver a Sua glória num outro mundo, porém não estão interessados em meditar, pela fé naquela glória neste mundo. Elas são semelhantes a Marta, que estava preocupada com muitas coisas e não com Maria, que escolheu a melhor parte, sentando-se aos pés de Cristo (Lucas 10:38-42). Que tais pessoas tomem muito cuidado para que não negligenciem nem desprezem o que deveriam fazer.

Alguns dizem que têm o desejo de contemplar a glória de Cristo pela fé, mas quando começam a considerar essa glória, eles acham que é coisa muito elevada e difícil. Eles ficam maravilhados, à semelhança dos discípulos no Monte da Transfiguração. Admito que a fraqueza de nossas mentes e a nossa falta de habilidade para entender bem a eterna glória de Cristo nos impede de manter os nossos pensamentos numa meditação firme e constante por muito tempo. Aqueles que não têm a prática e habilidade de uma santa meditação em geral não terão a capacidade de meditar neste mistério em particular. Mas, mesmo assim, quando a fé não consegue mais manter abertos os olhos do nosso entendimento para refletir sobre o Sol da Justiça brilhando em Sua beleza, pelo menos, pela fé ainda podemos descansar em santa admiração e amor.

A glória de Cristo como mediador:

(i) Sua humilhação

O pecado de Adão havia colocado uma distância tão grande entre a humanidade e Deus que toda a raça humana teria se perdido completamente a não ser que a pessoa ideal pudesse ser encontrada para promover a paz entre Deus e nós, isto é, agir como mediador. Deus não podia agir desse modo e não havia na terra ninguém que pudesse fazer isso. “Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos” (Jó 9:33). No entanto, uma paz perfeita entre Deus e os homens tinha que ser feita por um mediador, ou jamais haveria paz. Por isso o Senhor Jesus, o Filho de Deus, disse: “Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste...Eis aqui venho (no princípio do livro está escrito de mim), para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hebreus 10:5-7). O apóstolo Paulo por sua vez nos diz: “Porque há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem” (I Timóteo 2:7) e Cristo “aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens” (Filipenses 2:7). Isto O torna glorioso aos olhos dos crentes, que devem procurar o mesmo tipo de humilhação para si mesmos. Vamos observar três coisas:

1. A grandeza de Sua humilhação. “Quem é como o Senhor nosso Deus, que habita nas alturas; que se curva para ver o que está nos céus e na terra” (Salmo 113:5-6). “Todas as nações são como nada perante ele; ele considera-as menos do que nada e como uma coisa vã” (Isaías 40:17). Há uma distância infinita entre Deus e Suas criaturas, e é puramente um

ato de Sua graça tomar conhecimento das coisas terrenas. Cristo, como Deus, é completamente auto-suficiente em Sua eterna bem-aventurança. Quão grande, então, é a glória da Sua própria humilhação ao assumir a nossa natureza para que Ele pudesse nos levar a Deus! Essa humilhação não Lhe foi imposta; Ele livremente a escolheu.

2. A natureza especial da Sua humilhação. O Filho de Deus não cessou de ser igual a Deus quando Ele Se tornou homem. “Que sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus” (Filipenses 2:6). Os judeus queriam matá-LO porque Ele disse que “...Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (João 5:18). Quando Ele tomou sobre Si a forma de um servo em nossa natureza, Ele Se tornou aquilo que nunca havia sido antes, mas não deixou de ser aquilo que sempre tinha sido em Sua natureza divina. Ele, que é Deus, não pode deixar de ser Deus. A glória da Sua natureza divina estava velada, de forma que aqueles que O viram não acreditaram que Ele era Deus. Suas mentes não podiam entender algo que eles nunca haviam conhecido antes, que uma e a mesma pessoa pudesse ser Deus e homem ao mesmo tempo. Todavia, aqueles que crêem sabem que Ele, que é Deus, humilhou-Se ao assumir a nossa natureza, a fim de salvar a Igreja para a eterna glória de Deus. É verdade que o nosso Senhor Jesus Cristo é uma pedra de tropeço e uma rocha de ofensa para muitos hoje que, à semelhança de maometanos e judeus, pensam nEle apenas como um grande profeta. Mas, se retirarmos o fato de Ele ser Deus assim como homem, então toda a glória, verdade e poder do cristianismo também serão retirados.

Há três maneiras de pensar na verdadeira natureza de Sua divina humilhação:

i. Cristo, o eterno Filho de Deus, por meio de um ato indizível de Seu divino poder e amor, tomou sobre Si a nossa natureza humana e a fez Sua própria, assim como a Sua natureza divina Lhe pertencia. A natureza humana é comum a todos nós, mas torna-se especial para nós, individualmente, quando nascemos, de forma que somos indivíduos diferentes uns dos outros. Da mesma maneira, o Senhor Jesus Cristo assumiu a natureza humana que nos é comum, tornando-a especialmente Sua em “o homem, Jesus Cristo”.

ii. Visto que Ele estava na terra, vivendo e sofrendo em nossa

natureza, a glória de Sua divina pessoa ficou velada. “...aniquilou-se a si mesmo”.

iii. Apesar de ter tomado a nossa natureza para Si próprio, Ele não a transformou em algo divino e espiritual, mas conservou-a inteiramente humana. De fato Ele agiu, sofreu, teve provações, foi tentado e abandonado como qualquer outro homem.

3. A glória de Cristo em Sua humilhação. Mesmo se fôssemos anjos não poderíamos descrever a glória manifestada na divina sabedoria do Pai e no amor do Filho em Se humilhar, tornando-Se homem. É um mistério, porque Deus é grande e Seus caminhos estão muito acima do entendimento de Suas criaturas. Entretanto, a glória da religião dos cristãos é que Aquele que era verdadeiramente Deus “aniquilou-se a si mesmo”, de forma que, comparado com outros, Ele podia dizer: “Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado do povo” (Salmo 22:6). Acaso estamos sobrecarregados com o pecado? Estamos perplexos com as tentações? Apenas uma olhada para a glória de Cristo nos sustenterá e nos aliviará. “Então ele vos será santuário...” (Isaías 8:14). Ele, que Se esvaziou e Se humilhou em nosso favor, e nem por isso perdeu algo do Seu poder como Deus eterno, nos salvará de nossas angústias. Se não vemos nenhuma glória nisso, é porque não há conhecimento espiritual ou fé em nós. A glória de Cristo como mediador é o lugar de descanso onde o aflito pode descansar, “Este é o descanso, daí descanso ao cansado; e este é o refrigério” (Isaías 28:12).

Apelo a vocês, portanto, para meditem, pela fé, na maravilha da dupla natureza de Cristo, com propósito firme e prático. Como cristãos devemos estar prontos a negar a nós mesmo e a tomar a nossa cruz. Todavia, não podemos fazer isso sem levarmos em conta a própria negação de Si mesmo que foi praticada pelo Filho de Deus (Filipenses 2:5-8). O que são as coisas deste mundo, mesmo aqueles a quem amamos, e nossas próprias vidas, que logo terminarão, comparados com a glória de Cristo quando Ele veio ao mundo para “aniquilar-se a si mesmo”? Quando começamos a pensar nestas coisas, logo chegamos a um ponto onde a razão humana fica para trás. Gostaria de ser levado a esse ponto todos os dias. Ao descobirmos que o objeto no qual a nossa fé está alicerçada é por demais grande e glorioso para o nosso entendimento, então ficaremos cheios de santa admiração, humildade, adoração e ações de graças.

A glória de Cristo como mediador:

(ii) Seu amor

Há muitos textos das Sagradas Escrituras que se referem ao amor de Cristo. Por exemplo: "...o Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim" (Gálatas 2:20); "Conhecemos a caridade nisto: que ele deu a sua vida por nós..." (I João 3:16); "Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados...a ele glória e poder para todo o sempre" (Apocalipse 1:5-6). A porção mais brilhante da glória de Cristo é o Seu amor. Não há nenhum terror nele, mas é atraente e nos traz refrigério.

A razão principal de Cristo tornar-Se mediador foi por causa do amor do Pai. O qual escolheu salvar um número incontável de pessoas mediante o derramamento do sangue de Cristo. E eles são santificados pelo Espírito. (II Tessalonicenses 2:13; Efésios 1:4-9). Desde que Deus é amor, qualquer comunicação que se estabeleça entre Ele e Seu povo há de ser em amor. (I João 4:8-9, 16). Certamente não havia nada neles para que Deus os amasse. Qualquer coisa boa que haja em alguém é o efeito do amor de Deus nele (Efésios 1:4). O amor de Deus é a eterna fonte da qual a Igreja recebe a sua vida através de Cristo.

Vamos agora considerar o amor do Filho, que é cheio de compaixão. Apesar de sermos criaturas pecaminosas, foi possível a nossa recuperação. Deus nos escolheu como um meio de expressar o Seu divino amor e bondade. Cristo assumiu a nossa carne e sangue, não a natureza dos anjos (Hebreus 2:14-16). Ele antevia com grande gozo a salvação dos pecadores, a qual iria trazer tanta glória a Deus.

O Seu desejo e prazer de assumir a natureza humana não foram diminuídos por causa do conhecimento das grandes dificuldades que Ele teria de enfrentar. Para nos salvar, Ele teria que continuar até que Sua alma estivesse “profundamente triste até a morte”. Mas isto não O deteve. O Seu amor e perdão correram como águas de uma poderosa corredeira, porque Ele diz: “Eis aqui venho; no rolo do livro está escrito de mim: deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração. (Salmo 40:7-8). Desta forma, um corpo foi preparado para Ele, a fim de dar expressão à imensurável graça e ao fervente amor que Ele possuía pela humanidade. Agora, quando pensamos no glorioso amor de Cristo, descobrimos que há em Sua natureza divina o amor de Deus, o Pai. E há mais ainda, porque quando colocou em prática esse amor, Ele foi humano também. O amor nas duas naturezas é bastante distinto, contudo vem da mesma pessoa, Cristo Jesus. Foi um ato indescritível de amor quando Ele assumiu a nossa natureza humana, porém isso foi apenas um ato de Sua natureza divina. A Sua morte foi apenas um ato de Sua natureza humana. Os dois atos, porém, foram verdadeiramente dEle, como lemos em I João 3:16 “Conhecemos a caridade nisto: que ele deu a sua vida por nós”.

Apelo a vocês para que, de contínuo, preparem as suas mentes para as coisas celestiais, meditando seriamente na glória do amor de Cristo. Isto não pode ser feito, se suas mentes estão sempre cheias de pensamentos terrenos. Não se satisfaçam com pensamentos gerais sobre o amor de Cristo, mas pensem nisso de uma forma um pouco mais detalhada.

1. Considerem de quem é o amor: o amor do Filho de Deus, que é também o Filho do homem. Assim como Ele é único, o Seu amor também deve ser único.

2. Pensem na sabedoria, bondade e graça demonstradas nos atos eternos de Sua natureza divina e na compaixão e amor de Sua natureza humana em tudo o que Ele fez e sofreu por nós (Efésios 3:19; Hebreus 2:14-15; Apocalipse 1:5).

3. Merecíamos a ira, porém “Nisto está a caridade, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados” (I João 4:10). O amor de Cristo não é diminuído porque nós somos espiritualmente desagradáveis.

4. Pensem no poder deste amor quanto aos seus efeitos em nossas vidas habilitando-nos a produzir frutos para Sua glória.

É por isso que devemos meditar nos ensinamentos das Escrituras que contêm a doçura do amor de Cristo. Não se contentem apenas em ter uma idéia do amor de Cristo em suas mentes, mas provem, nos seus corações que o Senhor é gracioso (Cantares de Salomão 2:2-5). Cristo é o alimento das nossas almas. Não existe outra nutrição espiritual maior do que o Seu amor para conosco, o qual sempre deveríamos desejar.

6

A glória de Cristo como mediador: (iii) Sua obediência

Havia uma glória invisível em tudo o que Cristo fez e sofreu na terra. Se as pessoas a tivessem visto, elas não teriam crucificado o Senhor da glória. Entretanto, aquela glória foi revelada a alguns; os discípulos “viram a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14).

Primeiro, vamos considerar a obediência de Cristo naquilo que Ele fez. Ele livremente escolheu obedecer. Ele disse: “Eu vim para fazer a tua vontade, ó Deus”, antes de haver necessidade para Ele fazer essa vontade. Ele não era como nós, criaturas humanas, que necessariamente sempre estivemos sujeitos à lei de Deus. João Batista sabia que Jesus não

tinha necessidade de ser batizado. Mas Cristo disse: “Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mateus 3:15). Cristo voluntariamente Se identificou com os pecadores quando foi batizado.

Deus deu-Lhe honra e glória porque, pela Sua obediência, a Igreja toda se tornou justa. (Romanos 5:19). A obediência de Cristo a cada parte da lei foi perfeita. A lei era gloriosa quando os Dez Mandamentos foram escritos pelo dedo de Deus. Ela se torna mais gloriosa ainda quando é obedecida nos corações dos crentes. Mas é apenas na mais absoluta e perfeita obediência de Cristo que a santidade de Deus na lei é vista em sua glória total. “Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu” (Hebreus 5:8). O Senhor de todos, que fez a todos, viveu em estrita obediência à lei de Deus. Posto que Ele era uma pessoa singular, a Sua obediência possui a glória de Sua singularidade.

Ora, considerem a glória da obediência de Cristo demonstrada naquilo que Ele sofreu. Ninguém jamais pode medir a profundidade dos sofrimentos de Cristo. Podemos olhar para Ele sob o peso da ira de Deus, em Sua agonia e suor de sangue, nos Seus fortes gritos e lágrimas. Podemos olhar para Ele orando, sangrando, morrendo, fazendo da Sua alma uma oblação pelo pecado. “Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo da sua vida? porquanto foi cortado da terra dos viventes: pela transgressão do meu povo foi ele atingido” (Isaías 53:8). “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! (Romanos 11:33). Quão glorioso é o Senhor Jesus aos olhos dos Seus redimidos!

Por causa do pecado de Adão, ele e todos os seus descendentes se acham diante de Deus sujeitos a perecer eternamente sob a ira de Deus. Enquanto, nessa condição o Senhor Jesus vem até os pecadores persuadidos, com o Seu convite: “Pobres criaturas! Como é triste a sua condição! O que aconteceu com a beleza da glória e da imagem de Deus nos quais vocês foram criados? Vocês agora têm a imagem deformada de Satanás; pior que isso, miséria eterna aguarda vocês. No entanto, olhem para cima uma vez mais; contemplem-Me! Eu me colocarei em seus lugares. Eu suportarei o peso da culpa e a punição que jogaria vocês para sempre no inferno. Eu me tornarei, temporariamente, em maldição para vocês, para que possam ter bem-aventurança eterna”.

Contemplemos a glória demonstrada no evangelho: Jesus Cristo é crucificado diante dos nossos olhos (Gálatas 3:1). Nós só entendemos as Escrituras à medida que vemos nelas o sofrimento e a glória de Cristo. A sabedoria do mundo não vê nada neles a não ser estultícia. “Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (II Coríntios 4:3-4).

7

A glória de Cristo como mediador: (iv) Sua posição exaltada

Agora consideraremos a glória de Cristo que se seguiu ao Seu sofrimento. Esta é a mesma glória que Ele possuía com o Pai antes da fundação do mundo. Ele orou para que Seus discípulos pudessem estar com Ele onde estava para ver a Sua glória (João 17:5,24). Enquanto estava no mundo, em forma de servo, a Sua glória estava velada. Quando há um eclipse do sol, a sua beleza, luz e glória não podem ser vistos por algum tempo. Semelhantemente toda a beleza, luz e glória de Cristo estavam temporariamente eclipsadas enquanto Ele estava aqui na terra. A Sua glória, entretanto, será vista com alegria e admiração sobrenatural por todos aqueles que estiverem com Ele nos céus.

Sabemos, também, que a mesma natureza humana que Cristo possuía neste mundo está exaltada agora na glória. Não podemos entender isso totalmente, mas é uma crença básica do cristão verdadeiro. Igualmente, não sabemos semelhantes a que seremos então; muito menos podemos imaginar como Ele será. Esta natureza humana de Cristo não se mistura com a Sua natureza divina no céu, porém, ela é enchida e completada com toda graça e perfeição da qual uma natureza criada é capaz. Os crentes compartilharão dessa glória da natureza humana de Cristo. “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos” (I João 3:2). Entretanto, nunca seremos semelhantes a Ele no mesmo nível, pois a Sua glória é muito superior à dos anjos ou homens. “Uma é a glória do sol, e outra a glória da lua, e outra a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória doutra estrela” (I Coríntios 15:41).

Deus, o Pai, deu a Cristo a maior glória e dignidade que pode ser dada a qualquer pessoa, quando Ele O fez sentar-Se à direita da majestade nas alturas. Deus fez isso por causa do Seu infinito amor a Cristo e o Seu prazer no que Ele havia feito como mediador entre Deus e a humanidade. Adicionado a isso está a glória única de Cristo em Sua divina sabedoria, amor e graça, que é totalmente demonstrada na redenção da Igreja.

A glória que o Senhor Jesus possui no céu só pode ser entendida através da fé. Pessoas ignorantes, usando apenas a sua imaginação humana, tentam representar essa glória em quadros, porém eles não sabem as Escrituras nem a glória eterna do Filho de Deus. Não devemos visualizar a imagem de uma pessoa gloriosa no céu, e sim usar a nossa fé para meditar na descrição da glória de Cristo apresentada nas Escrituras. Não devemos dar a desculpa que haverá tempo suficiente para considerar todas essas coisas quando chegarmos ao céu. Se não tivermos algum conhecimento da glória de Cristo aqui e agora, significa que não temos um real desejo da Sua presença no céu.

Somos todos muito egoístas e ficamos contentes o suficiente se nossos pecados são perdoados e se somos salvos por Cristo. Mas, a nossa fé e amor devem nos impelir a colocar Cristo e Seus interesses acima de tudo o mais. Quem é que agora está circundado de glória e poder à mão

direita da majestade nas alturas? É Ele que era pobre, foi desprezado, perseguido e morto por nossa causa. É o mesmo Jesus que nos amou e Se entregou por nós e nos redimiu pelo Seu próprio sangue. Se valorizarmos corretamente o Seu amor e compartilharmos de quaisquer dos benefícios que surgiram do que Ele fez e sofreu pela Sua Igreja, então só podemos nos regozijar na Sua glória e no Seu estado presentes.

Bendito Jesus! Não podemos Te acrescentar nada, nem mesmo à Tua glória. Mas é uma alegria para nossos corações saber que estás tão gloriosamente exaltado à mão direita de Deus, e desejamos ver essa glória mais completa e claramente, como rogaste que víssemos e nos promettes-te.

8

A glória de Cristo ilustrada no Velho Testamento

Sabemos que o Velho Testamento é sobre o Senhor Jesus Cristo. Vamos considerar algumas das maneiras pelas quais a glória de Cristo foi predita. Primeiro, uma formosa ordem de adoração foi dada por Deus a Moisés e, através dele, ao povo de Israel. Havia o tabernáculo (e mais tarde o templo), com o lugar santo, a arca, o propiciatório, o sumo sacerdote, os sacrifícios e o aspergimento de sangue. Mas estes eram apenas uma sombra que se antecipava a Cristo — o único sacrifício pelo peca-

do em Sua contínua atividade como o nosso grande sumo sacerdote. O Espírito de Cristo também estava nos profetas que pregaram “...anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir” (I Pedro 1:11).

Assim como há aquela adoração externa que testifica da glória de Cristo, há também a interna comunhão de Cristo com Sua Igreja em amor e graça ilustrados em Cantares de Salomão. Este livro é geralmente negligenciado e mal entendido. Alguns dias, ou mesmo algumas horas, gastos no gozo da amorosa comunhão com Cristo, tão maravilhosamente descrita em suas páginas, seriam uma bênção muito maior que todos os tesouros da terra. Se nós, favorecidos como somos com a plena revelação de Cristo no Novo Testamento, entendemos menos da Sua glória do que os crentes do Velho Testamento, deveríamos ser julgados imerecedores de haver recebido o Novo Testamento!

Antes de Cristo haver nascido em Belém, algumas vezes Ele apareceu em forma de homem. O Velho Testamento se refere a Ele como estando zangado, ou bem satisfeito, falando como um homem, e assim aponta para o futuro antevendo o tempo em que Ele Se tornaria o homem Jesus Cristo.

Quando a lei foi dada no Monte Sinai, era cheia de terror porque ninguém podia cumprir os seus santos desígnios (Êxodo 19). Mas quando Cristo veio à terra e a cumpriu, Ele obteve, em consequência disso, perdão e retidão para o Seu povo. Isaías viu a glória de Deus e ficou cheio de terror até que o seu pecado lhe foi tirado por meio de uma brasa do altar. Aquilo foi uma ilustração do poder de purificação do sacrifício de Cristo. (Isaías 6:5-7; João 12:41). Isaías também profetizou sobre a glória de Cristo vindo ao mundo em forma de uma criança. “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do incremento deste principado e da paz não haverá fim...” (Isaías 9:6-7). Apesar dos profetas haverem predito a glória do Cristo que estava para vir, eles não entenderam completamente aquilo que disseram. Agora, porém, quando cada palavra de sua revelação é-nos tornada clara no evangelho, nada a não ser um orgulho demoníaco nos corações humanos, pode mantê-los cegos à verdade da glória de Cristo que é vista no Velho Testamento.

As promessas e profecias sobre a pessoa de Cristo, Sua vinda, o Seu reino e Sua glória, são como um fio de vida atravessando todo o Velho Testamento. Cristo explicou todas estas coisas aos Seus discípulos, por meio dos escritos de Moisés e de todos os profetas, como também a sabedoria, graça e amor de Deus à Igreja por intermédio dEle (Lucas 24:27; 44-46). Não nos beneficiaremos de ler o Velho Testamento, a não ser que estejamos procurando e meditando na glória de Cristo em suas páginas.

Por último, Deus graciosamente nos ajuda em nosso entendimento, ao dar vários nomes ao Senhor Jesus no Velho Testamento, os quais revelam de diversas maneiras a Sua excelência. Entre outros, Ele é chamado de rosa e lírio, dada a doçura do Seu amor e pela beleza de Sua graça e obediência. Ele é chamado de pérola, por causa do Seu valor, de vinha, por causa dos Seus frutos, de leão, pelo Seu poder, e de cordeiro, devido ser apropriado ao sacrifício. Menciono estas coisas, não com idéia de estudá-las aqui em detalhes, mas apenas para estimular reflexão sobre tais expressões e seus significados como revelando algo do glorioso caráter de Cristo.

9

A glória de Cristo na Sua união com a Igreja

A nossa união com Cristo é tão real que, na visão de Deus, é como se nós tivéssemos sofrido o que Cristo sofreu, sofrido para redimir a Igreja-

ja. Ele agiu gloriosamente quando levou “...em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” e “...padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus” (I Pedro 2:24; 3:18). O propósito do nosso santo e justo Deus foi o de salvar a Igreja, mas o pecado dos Seus remidos não podia ficar impune. Foi necessário, então, que a punição para aquele pecado fosse transferida daqueles que a mereciam mas não podiam suportá-la para Aquele que não a merecia, porém poderia suportá-la. Este é o fundamento da fé cristã e toda a revelação divina contida nas Escrituras. Vamos examinar ainda mais um pouco essa verdade e considerar como ela está cheia da glória de Cristo.

1. Não é contrário à justiça divina que alguns sofram punição pelos pecados de outros. Confirmarei esta afirmação, por hora, apenas ao dizer que Deus, que não faz nada errado, sempre agiu assim. Quando Davi pecou, setenta mil homens foram destruídos por um anjo, e então Davi disse ao Senhor: “Eis que eu sou o que pequei, e eu o que iniquamente obrei; porém estas ovelhas o que fizeram? Sejam pois a tua mão contra mim e contra a casa de meu pai.” (II Samuel 24:17). Quando o povo de Judá foi levado cativo, Deus o puniu pelos pecados de seus antepassados, especialmente aqueles pecados cometidos nos dias de Manassés (II Reis 23:26-27). E, finalmente, ao destruir a nação judaica, Deus a puniu pelo derramamento do sangue de todos os profetas desde o começo do mundo (Lucas 11:50-51).

2. Há sempre uma ligação especial entre aqueles que pecam e aqueles que são punidos. Por exemplo, há uma relação entre pais e filhos, entre reis e seus súditos. Há também a idéia de compartilhar a punição. Foi dito aos filhos de Israel: “E vossos filhos (como errantes) pastorearão neste deserto quarenta anos, e levarão sobre si as vossas infidelidades, até que os vossos cadáveres se consumam neste deserto” (Números 14:33). A punição devido aos seus pecados foi transferida para os filhos, mas parte da sua própria punição foi exatamente o conhecimento do que haveria de acontecer aos seus filhos.

3. Há uma união maior e um relacionamento mais íntimo entre Cristo e a Igreja do que existem em qualquer outro vínculo no mundo. Isso pode ser visto de três formas:

i. Há um elo natural de ligação entre Cristo e Sua Igreja. Deus fez todas as pessoas de um sangue (Atos 17:26). Cada um é irmão

e vizinho do outro (Lucas 10:36). Essa mesma relação existe entre Cristo e a Igreja. “E visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Hebreus 2:14). Há, entretanto, em dois aspectos, uma diferença entre a união de Cristo com a Igreja e a irmandade comum entre os homens. Primeiro, Ele tomou a nossa natureza sobre Si por um ato voluntário de Sua vontade, mas nós não tivemos escolha quanto ao nosso relacionamento um com o outro pelo nascimento. Segundo, Ele entrou nessa união por apenas um propósito, ou seja, que em nossa natureza Ele pudesse redimir a Igreja “...para que, pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão” (Hebreus 2:14-15).

ii. Há uma união moral e espiritual entre Cristo e a Igreja. Isto é como o relacionamento existente entre a cabeça e os membros do corpo, ou entre a vinha e seus ramos (Efésios 1:22-23; João 15:1-2). É também como o elo de ligação entre maridos e esposas. “Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela” (Efésios 5:25). Como Ele era o cabeça e marido da Igreja (que só poderia ser salva e tornada santa pelo Seu sangue e Seus sofrimentos), foi apropriado, então, que Ele assim sofresse, e era correto que os benefícios dos Seus sofrimentos fossem legados àqueles pelos quais Ele sofreu.

Uma objeção pode ser levantada em razão de que “...Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”, ou seja, não havia união entre Ele e a Igreja naquele tempo (Romanos 5:8). Diz-se que somos unidos a Cristo pela fé. Portanto, antes da nossa regeneração não estávamos unidos a Ele. Como, então, Ele poderia justamente sofrer a nosso favor? Respondo que era o propósito de Deus, antes dos sofrimentos de Cristo, que a Igreja (composta dos eleitos) pudesse ser a Sua esposa, para que Ele pudesse amá-la e sofrer por ela. Jacó amou a Raquel antes que ela se tornasse a sua esposa. Ele “...serviu por uma mulher, e por

uma mulher guardou o gado” (Oséias 12:12). Raquel é chamada a esposa de Jacó por causa do seu amor para com ela e porque estava destinada a ser sua noiva antes que a tivesse desposado. Assim Deus, o Pai, deu todos os eleitos para Cristo, confiando-os a Ele, para serem salvos e santificados. Cristo mesmo diz ao Pai: “Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste: eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra. Eu rogo por eles: não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus” (João 17:6,9).

iii. A terceira maneira pela qual Cristo está unido à Sua Igreja é mediante a nova aliança da qual Ele é a garantia e o penhor. “De tanto melhor concerto Jesus foi feito fiador” (Hebreus 7:22). Aqui está o âmago do mistério da forma sábia de Deus salvar a Igreja. A transferência dos pecados dos pecadores para Cristo, que é de toda maneira inocente, puro e reto em Si mesmo, é a vida e a alma de todo o ensinamento das Escrituras. O que Cristo fez por nós O torna glorioso para nós!

Vamos considerar a justiça de Deus ao perdoar os nossos pecados. Todos os eleitos de Deus são pecadores. Como pode Deus ser justo, então, se Ele os deixa sem punição, vendo que não poupou os anjos que pecaram, nem Adão quando ele pecou no princípio? A resposta está na união entre Cristo e a Igreja. Desde que Cristo representa a Igreja na presença de Deus, Deus justamente O pune por todos os pecados dela para que todos os seus membros estejam libertos e perdoados graciosamente. (Romanos 3:14-26). Na cruz, a santidade e justiça de Deus encontraram-se com a Sua graça e perdão. Esta é a glória que dá prazer aos corações e satisfaz as almas de todos os que crêem. Quão maravilhoso é para eles verem Deus Se regozijando na Sua justiça e, ao mesmo tempo, manifestando misericórdia ao dar-lhes salvação eterna! No gozo desta gloriosa verdade, deixem-me viver, e nesta fé deixem-me morrer.

Cristo é glorioso, também, pela obediência à lei que Ele perfeitamente cumpriu. Era absolutamente necessário que a lei fosse cumprida e isto nunca poderia ser feito por nós. Através da união de Cristo com a Igreja, entretanto, a lei foi cumprida por nós. “Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o

seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito” (Romanos 8:3-4).

Um entendimento pela fé desta glória de Cristo dispersará todos os temores e removerá todas as dúvidas de nossas pobres almas tentadas. Tal conhecimento será uma âncora que os firmará bem seguros em todas as tempestades e provas da vida, como também na morte.

10

A glória de Cristo manifestada ao dar-Se aos crentes

O apóstolo Paulo descreve Cristo doando-Se à Igreja como um grande mistério, assim como a união que existe entre Ele e ela. (Efésios 5:32). No entanto, apesar de ser um mistério, ainda podemos pensar sobre esse relacionamento no qual cada crente pode dizer: “O meu amado é meu, e eu sou dele...” (Cantares de Salomão 2:16). Devemos entender que Cristo não Se dá a nós porque Ele é compelido a fazê-lo por alguma força — nem vem até nós como um sonho irreal. Nem tampouco Ele Se torna nosso quando O degustamos na Ceia do Senhor. Ele Se dá aos crentes de uma forma especial, que eu irei explicar. Vamos comparar como Deus Se deu a Si mesmo para a humanidade na velha criação, e então como Cristo Se deu a Si mesmo para a Igreja na nova criação.

1. Toda a vida, bondade e sabedoria estavam originalmente em Deus num grau infinito. Estas e outras perfeições da natureza de Deus formaram a Sua glória essencial.

2. Na velha criação, Deus comunicava a glória de Sua bondade, poder e sabedoria (Salmo 19:1; Romanos 1:20), de uma forma notável, fazendo com que uma coisa fosse dependente de outra. “E acontecerá naquele dia que eu responderei, diz o Senhor, eu responderei aos céus, e estes responderão à terra. E a terra responderá ao trigo, e ao mosto, e ao óleo, e estes responderão a Jezreel” (Oséias 2:21-22). As criaturas vivas dependem da terra; a terra depende do sol e da chuva; há um padrão de muitas coisas em harmonia.

3. Ao mesmo tempo tudo e todos são dependentes de Deus para a contínua comunicação de Sua bondade e poder (Atos 14:15-17; 17:24-29).

4. A humanidade pode ver a glória de Deus na criação, por meio do seu raciocínio, e pode aprender sobre o Seu eterno poder e deidade. A comunicação de Deus de Si mesmo, na criação, é visível.

5. A glória de Deus que foi vista na criação é a glória de um Deus triunfo. Pelo Seu poder e bondade, o Pai, como o fundador da bendita Trindade, formou o mundo; o Filho executou o plano da criação; e o Espírito de Deus continua a preservar toda a espécie de vida sobre a terra (João 1:1-3; Colossenses 1:16; Hebreus 1:2; Gênesis 1:2). “Escondes o teu rosto, e ficam perturbados: se lhes tiras a respiração, morrem, e voltam para o seu pó. Envias o teu Espírito, e são criados, e assim renovas a face da terra” (Salmo 104: 29-30).

A não ser que Deus tivesse manifestado a Sua glória visivelmente na criação natural, ninguém, a não ser Ele mesmo, poderia saber que Ele possuía essa glória. Agora olharemos para a nova criação, a Igreja, que pertence a uma ordem mais elevada que a criação material, apesar das evidências externas da glória de Deus não serem vistas tão claramente nela.

1. A bondade, graça, vida, luz, perdão e poder, que são a origem da nova criação, estão todos presentes em Deus. O propósito total da nova criação, a Igreja, é o de mostrar a glória de Deus pelas maneiras em que

Ele Se faz conhecido a ela, e através dela a outras pessoas.

2. Primeiramente, agradeu a Deus que a plenitude da Sua natureza pudesse estar em Cristo como o cabeça da Igreja (Colossenses 1:17-19). A bondade, graça, vida, luz, poder e perdão, que eram necessários para criar e preservar a Igreja, deviam estar primariamente em Cristo, e então por meio dEle, comunicados à Igreja.

3. Não obstante a natureza humana ter sido ligada em união pessoal com o Filho de Deus, toda a plenitude da deidade ainda habitava nEle (Colossenses 2:9). Ele também recebeu o Espírito Santo em toda a Sua plenitude e todos os tesouros de sabedoria e conhecimento estavam escondidos nEle (Colossenses 2:3). Estas riquezas estavam nEle fazendo-O um excelente sacerdote, profeta e rei para Sua Igreja.

4. Na criação do mundo Deus criou primeiramente a matéria, da qual a terra foi formada, e então, pelo poder do Espírito Santo, deu diferentes formas de vida às diferentes partes da criação. Desse modo, na obra da nova criação, mesmo antes da fundação deste mundo, Deus separou para Si mesmo aquela parte da humanidade que iria compor a Igreja. Então, a obra do Espírito Santo foi a de fazer crentes, um por um, e deles formar o glorioso corpo da Igreja de Cristo. “Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado, e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe, e no teu livro todas estas cousas foram escritas; as quais iam sendo dia a dia formadas, quando ainda nem uma delas havia” (Salmo 139:15-16). A substância da Igreja estava na mira de Deus quando Ele escolheu os seus membros. Contudo eles não foram formados individualmente, nem tampouco formados no corpo, mas todos eles estavam escritos no livro da vida de Deus. No seu devido tempo, o Espírito Santo os moldou aos desígnios do corpo como havia sido determinado por Deus desde o início.

5. A gloriosa existência de Deus como Trindade é demonstrada na ordem divina pela qual é dada vida à Igreja. A fonte eterna de toda a sabedoria, graça, bondade e amor é o Pai. Estas qualidades divinas estavam em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que as coloca à disposição da Igreja. O Espírito Santo formou e deu vida espiritual a cada um dos eleitos da Igreja, em todas as épocas, no dia e hora certos, para a glória de Deus.

Da mesma forma, toda a nova criação, a Igreja, é preservada a cada

dia. A todo momento há uma força e poder vitais, misericórdia e graça, que são transmitidos pelo Pai, Filho e Espírito Santo a todos os crentes do mundo. Esta comunicação invisível ultrapassa o entendimento das pessoas incrédulas e a maioria das pessoas não vê a glória disto.

Vamos, entretanto, nos ajuntar em oração ao apóstolo Paulo conforme mencionada em Efésios 1:17-23: “Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobre-excelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”.

Agora vou considerar mais detalhadamente as maneiras pelas quais o Senhor Jesus comunica a Si mesmo e as bênçãos que tem para dar a todos aqueles que crêem. Nós o recebemos pela fé. “Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no seu nome” (João 1:12). Para que nós O recebemos, é necessário que Ele seja dado. O Pai deu Jesus Cristo livremente para nós. Esse era o Seu eterno propósito. Ele também deu todos os eleitos para Cristo, visto que disse: “eram teus, e tu mos deste...” (João 17:6). Ele prometeu Cristo, no evangelho, a todos os crentes, e pelo Seu grande poder criou a fé nas almas dos eleitos, e os habilitou a receberem a Cristo (Efésios 1:19,20; 2:5-8).

Mas estamos pensando, principalmente, na forma pela qual Cristo desce até o nosso nível e nos mostra a glória de Sua sabedoria e amor.

1. Ele nos deu o Seu Espírito Santo (Romanos 8:9; I Coríntios 6:17). Quando Cristo veio ao mundo Ele assumiu a nossa natureza, unindo-a à Sua própria natureza. Quando nascemos de novo Ele nos põe numa união espiritual consigo mesmo. Ele Se torna nosso e nós somos dEle. Isto é al-

go inexpressivelmente glorioso. Não há nada que se compare com isso em toda a criação. O mesmo Espírito está em Cristo, o cabeça, e na Sua Igreja, dando vida e dirigindo todo o corpo. Vejamos a glória, a honra e a segurança da Igreja! O privilégio de entender como a natureza da Igreja exibe a glória de Deus deve ser preferida acima de toda a sabedoria deste mundo mau.

2. Então temos uma nova natureza que é a própria natureza de Cristo formada em nós. Somos feitos participantes da natureza divina em diferentes graus, através da preciosa promessa do evangelho. Esta divina natureza nos crentes é chamada de novo homem, nova criatura, o espírito que é nascido do Espírito, que está sendo conformado à imagem de Cristo e à feitura de Deus (João 3:6; Romanos 6:3-8; II Coríntios 3:18; 5:17; Efésios 4:20-24; II Pedro 1:4). É no ato de dar-nos de Sua natureza que Cristo nos torna sabedoria e santificação. Ele diz da Sua Igreja: “Esta é agora osso de meus ossos e carne de minha carne. Eu me vejo nela, e a minha natureza nela, e ela é atraente e desejável para mim”. Assim, finalmente, Ele apresentará “a si mesmo a igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Efésios 5:27).

3. Dois efeitos resultam de estarmos em Cristo pela fé. O primeiro é um contínuo suprimento de vida espiritual, graça e força. Os membros da Sua Igreja vivem, não propriamente eles, mas Cristo vive neles, e a vida que vivem na carne é pela fé no Filho de Deus (Gálatas 2:20). O outro efeito é que a retidão de Cristo é-nos atribuída como se fosse nossa própria retidão e recebemos todos os benefícios que provêm dEle, como nosso mediador. (Romanos 4:5).

Podíamos pensar em outras maneiras pelas quais o amor de Cristo se torna conhecido a nós. É, por exemplo, derramado amplamente em nossos corações pelo Espírito Santo, e o nosso amor retorna a Ele pelo supremo poder desse mesmo Espírito (Romanos 5:5). Espero, entretanto, que tenhamos pensado o suficiente sobre a gloriosa maneira que Cristo Se dá à Igreja para que os nossos corações estejam cheios de santa admiração e ações de graças.

A glória de Cristo manifestada ao reunir em Si mesmo todas as coisas

“...que ele fez abundar para conosco em toda a sabedoria e prudência; descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra” (Efésios 1:8-10).

Ao tentar entender estas palavras, devemos considerar o estado original de todas as coisas nos céus e na terra, a desordem que foi trazida pelo pecado e a glória de sua restauração em Cristo.

1. Deus Se chama a Si mesmo: “EU SOU” (Êxodo 3:14). Ele é eternamente existente em Si mesmo e é a força e fonte de toda a existência. Tudo o que existe provém dEle (Romanos 11:36). Semelhantemente, Deus é a fonte de toda a bondade.

2. Onde há um ser de tão infinita bondade, há também infinitas bem-aventuranças e felicidades, às quais nada existe que possa ser acrescentado. A bem-aventurança e auto-satisfação de Deus eram exatamente as mesmas antes da criação como são agora. Essa bem-aventurança consiste no amor eterno e mútuo das três pessoas santas, Pai, Filho e Espírito, como um Deus. Quando Deus age, Ele o faz em perfeito entendimento e amor, conforme Suas próprias perfeições.

3. Deus criou todas as coisas de acordo com a Sua própria vontade e prazer, agindo em infinita sabedoria, poder e bondade. O que Ele outorgou às coisas fora de Si mesmo foi uma limitada dependência,

existência e bondade. Ele disse: “Haja”, e houve. “E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom” (Gênesis 1:31). A existência e a bondade na criação devem ser a primeira maneira externa na qual a divina natureza nos mostra a glória de Deus. A continuidade de toda a criação também depende de Deus.

4. Assim “no princípio criou Deus os céus e a terra” (Gênesis 1:1). Ele designou a terra para os homens habitarem nela e preparou os céus como habitação dos anjos. De acordo com suas diferentes naturezas, esses locais também trouxeram glória e louvor a Deus. Esta ordem das coisas era muito bela. Não havia quebra no relacionamento entre Deus e aquele que Ele havia criado. Ele Se comunicava diretamente com eles e tudo o que faziam estava em obediência a Ele.

5. Mas esta linda ordem foi rompida e perturbada pela entrada do pecado. Parte da família dos anjos nos céus, e toda a família da humanidade da terra, caíram de sua dependência de Deus e apenas ódio e confusão reinaram entre eles. Visto que a terra havia sido colocada em sujeição à humanidade, agora caída, Deus amaldiçoou a terra. Entretanto, Ele não amaldiçoou os céus porque muitos dos anjos permaneceram sem cair. Os anjos que pecaram foram rejeitados para sempre. Apesar de toda a raça humana haver caído pelo pecado, Deus determinou salvar parte dela pela Sua graça.

6. O plano de Deus era agora o de trazer as duas famílias, anjos e humanidade, juntas debaixo de uma nova cabeça; os anjos bons sendo preservados de pecar e todos os que cressem sendo libertos do pecado. Este é o significado das palavras “de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra” (Efésios 1:10) e “...por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus” (Colossenses 1:20). Jesus Cristo, o Filho de Deus, é a nova cabeça em quem Deus reuniu todas as coisas, tanto as do céu, como as da terra. Como um corpo e uma família eles agora dependem dEle, por quem vivem e têm sua existência. Deus, o Pai, “sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. E ele é a cabeça do corpo da igreja: é o primeiro e o primogênito

dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência. Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse” (Efésios 1:22-23; Colossenses 1:17-19).

7. Deus tem dado todo o poder no céu e na terra ao cabeça dessa nova família piedosa. Todos devem se chegar a Cristo para receber poder espiritual, graça e bondade. Quer seres angélicos ou humanos, todos agora estão totalmente dependentes dEle. Os anjos que não caíram não necessitavam de redenção e graça para que pudessem continuar existindo na glória do céu. Mas foi-nos necessário que Cristo precisasse tomar a nossa natureza e Se unisse a nós pelo Seu Espírito. Então, os crentes estão redimidos para viver num céu glorioso, uma só família com os anjos.

Mais alguns pensamentos podem nos ajudar a meditar no ato de reunir todas as coisas em Jesus Cristo, cuja glória ultrapassa o nosso entendimento.

1. Apenas Cristo poderia suportar o peso dessa glória. O Espírito Santo O descreve como sendo “o resplendor da glória (do Pai), e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas, pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas” (Hebreus 1:3). “O qual é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criação; porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele” (Colossenses 1:15-17).

2. O maravilhoso e eterno propósito de Deus era de glorificar-Se através de Cristo sendo feito homem. Esse propósito era para que toda a criação pudesse ter uma nova cabeça, especialmente a Igreja que seria eternamente abençoada. A ordem de toda a família no céu e na terra, anjos e homens, era para ser dependente de Cristo. Nada deveria encher os corações dos crentes com refrigério e alegria mais do que esta visão pela fé, visão da beleza divina ao reunir todas as coisas em Cristo.

* Owen usa treze argumentos, nesta passagem, os quais foram resumidos em sete parágrafos.

3. O pecado que destruiu a beleza e a ordem da criação já foi vencido. Tudo aquilo que na criação era bonito, mostrava a sabedoria e beleza de Deus, por causa da forma em que dependia dEle. A entrada do pecado arruinou aquela cena de beleza. Mas agora, ao reunir todas as coisas em Jesus Cristo, tudo nEle é restaurado novamente à comunhão com Deus. Na verdade, toda a estrutura maravilhosa da criação divina é tornada mais bonita que era antes, e tudo isso surge da nova relação com o Filho de Deus.

4. Deus é sempre sábio em tudo o que faz. O Seu infinito poder e sabedoria foram vistos na primeira criação. “Ó Senhor, quão variadas são as tuas obras! todas as coisas fizeste com sabedoria; cheia está a terra das tuas riquezas” (Salmo 104:24). No entanto, quando os efeitos dessa sabedoria divina foram arruinados foi necessário ainda mais sabedoria para restaurá-los. Ao reunir todas as coisas novamente em Cristo, Deus mostrou Sua insondável sabedoria aos anjos, que não sabiam antes quais eram os Seus propósitos. “Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus” (Efésios 3:10). “NEle estão escondidos e através dEle são mostrados todos os tesouros de sabedoria. (Colossenses 2:3).

5. Na primeira criação, gloriosa como era, tudo dependia diretamente de Deus e da lei da obediência a Ele. Isso era uma unidade frágil, que dependia do desejo das criaturas de obedecerem ao Criador. Todavia, tudo na nova criação, incluindo cada crente, foi reunido em Cristo — a cabeça. Esta é uma unidade inquebrável. Aqueles que dependem inteiramente de Cristo para a sua segurança eterna não podem mais cair da segurança que agora desfrutam nEle.

A diferença entre a presente visão de fé da glória de Cristo e nossa contemplação dela no céu

“Porque andamos por fé, e não por vista” (II Coríntios 5:7). Nesta vida, fé, na vida por vir, visão. Estas são as habilidade da alma que a fazem ciente da glória de Cristo.

A visão de fé da glória de Cristo, neste mundo, é confusa e obscura. Como o apóstolo diz: “Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face: agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido” (I Coríntios 13:12). O nosso conhecimento não é direto, mas é como um reflexo imperfeito da realidade. O evangelho, sem o qual jamais poderíamos descobrir a Cristo, ainda está longe de mostrar totalmente a grandeza de Sua glória. Isso é porque a entendemos imperfeitamente. A nossa fé é fraca e imperfeita. Não há nenhuma parte de Sua glória que possamos entender completamente. Em nosso presente estado terreno, há algo como uma parede entre nós e Cristo. Contudo, às vezes, nós O vemos através das janelas “O meu amado é semelhante ao gamo, ou ao filho do veado: eis que está detrás da nossa parede, olhando pelas janelas, reluzindo pelas grades” (Cantares de Salomão 2:9). Estas janelas são as oportunidades que temos de ouvir e receber as promessas do evangelho através da graça e do ministério da palavra. Tais oportunidades estão cheias de refrigério para as almas daqueles que crêem. Entretanto, a visão da beleza e glória não dura para sempre. Então clamamos: “Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando entrarei e me apresentarei

ante a face de Deus? (Salmo 42:1-2). Quando, então, eu O verei, mesmo que seja apenas através de uma janela?

Às vezes, à semelhança de Jó, nós não O podemos ver porque Ele esconde a Sua face em uma nuvem (Jó 38:8-9). Em outras oportunidades Ele Se mostra como o sol em toda a sua força e não suportamos o Seu brilho.

Agora, através de comparações, vamos considerar como veremos essa mesma glória de Cristo quando estivermos no céu. A nossa visão será imediata, direta e firme.

1. Cristo pessoalmente e toda a Sua glória estarão de verdade e para sempre conosco. Não precisaremos mais estar satisfeitos apenas com descrições dEle que temos no evangelho. Nós O veremos face a face (I Coríntios 13:12) e O veremos como Ele é (I João 3:2). Nós O veremos com os nossos olhos, como diz Jó: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e...em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos, e não outros, o verão...” (Jó 19:25-27).

Os sentidos dos nossos corpos serão restaurados e glorificados de uma forma que não podemos entender, para que sejamos capazes de olhar para Cristo e Sua glória para todo o sempre. Veremos, não apenas a Sua natureza humana, mas a Sua divindade também em Sua infinita sabedoria, amor e poder. Essa glória será milhares de vezes superior a qualquer coisa que possamos imaginar.

Esta visão da glória de Cristo é tudo o que os santos de Deus desejam ver. É o desejo deles “partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor...mas temos confiança e desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor” (Filipenses 1:23; II Coríntios 5:8). Aqueles que não têm este desejo sempre são pessoas carnis e não espirituais.

2. Ninguém nesta vida tem o poder, quer espiritual ou físico, para ver a glória de Cristo como ela realmente é. Quando alguns reflexos dessa glória foram vistos no Monte da Transfiguração os discípulos ficaram confusos e com muito medo. Se o Senhor Jesus viesse até nós em Sua majestade e glória, seríamos incapazes de receber os benefícios ou conforto de Sua aparição. O apóstolo João, o qual Ele amava, caiu a Seus pés como morto, quando Jesus apareceu para ele em Sua glória (Apocalipse 1:17). Paulo e todos aqueles que estavam com ele caíram por terra quan-

do o brilho da Sua glória resplandeceu sobre eles no caminho de Damasco (Atos 26:13-14). Que insulto a Deus quando pessoas néscias tentam fazer quadros e imagens do Senhor Jesus Cristo em Sua glória presente! Nós apenas podemos conhecê-lo agora através da fé, obscuramente. Não o podemos conhecer verdadeiramente como Ele é, cheio de glória indescritível.

Por causa de nossas naturezas pecaminosas, as nossas almas eram completamente tenebrosas e más, e eram incapazes de ver as coisas espirituais de uma maneira correta. Fomos parcialmente restaurados pela graça e nos tornamos luz no Senhor (Efésios 5:8). Mas as nossas almas ainda estão aprisionadas em nossos corpos naturais e muitas fraquezas e imperfeições ainda permanecem. Mas isso para sempre desaparecerá no céu (Efésios 5:27). Após a ressurreição, as nossas mentes e corpos estarão livres de tudo o que nos impedia o desfrute de uma visão completa da glória de Cristo. Então, apenas um ato de pura visão espiritual ao olhar para a glória de Cristo, um puro ato de amor ao unir-se a Deus, nos fará muito mais felizes e mais satisfeitos do que poderíamos estar como todas as nossas atividades religiosas.

Temos um poder natural para entender e julgar as coisas nesta presente vida terrena. Mas esta habilidade natural não pode nos ajudar a ver e entender as coisas espirituais, como o apóstolo nos mostra em I Coríntios 2:11,14: “Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”.

Assim Deus nos dá a habilidade sobrenatural da fé e da graça. Ainda temos o nosso entendimento natural, mas é apenas por meio de uma faculdade espiritual que podemos ver as coisas espirituais. No céu será acrescentada a capacidade de vermos a glória.

1. Como a espiritualidade não destrói, mas aumenta a habilidade natural, assim a habilidade para compreender a glória não destruirá os poderes da fé e da graça, e sim os tornará absolutamente perfeitos.

2. Por natureza não podemos entender claramente a essência da graça a qual é percebida apenas por aqueles que a recebem. Semelhantemente, pela graça não podemos entender claramente a natu-

reza da glória, a qual só poderá ser compreendida perfeitamente quando formos transformados e vivendo na glória.

3. A melhor idéia que podemos ter da natureza da glória é a de que seremos transformados na perfeita semelhança de Cristo, no momento em que ela brilhar em nós.

Da natureza à glória há um progresso. A graça renova a natureza, a glória aperfeiçoa a graça e finalmente a alma é trazida ao seu descanso em Deus. O home cego viu homens como árvores andando, quando o Salvador tocou pela primeira vez os seus olhos. No segundo toque do Salvador, ele viu tudo claramente (Marcos 8:22-25). Isso se assemelha à diferença entre a visão da graça e a visão da glória.

Tendo refletido sobre nossas mentes, agora vamos refletir um pouco sobre nossos corpos glorificados. Depois que formos levantados da sepultura, veremos o nosso Redentor. Estevão, na verdade, viu “a glória de Deus, e Jesus que estava à direita de Deus” (Atos 7:55). Quem não desejaria ter compartilhado o privilégio dos discípulos que viram a Cristo fisicamente enquanto Ele estava na terra? Ele lhes disse que “muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes, e não o viram, e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram” (Mateus 13:17). Se isso foi um privilégio tão grande, quão glorioso será quando nós, com os nossos olhos purificados e fortalecidos, virmos a Cristo na plenitude de Sua glória! Não podemos imaginar como será, mas sabemos que Ele suplicou ao Seu Pai pedindo que nós pudéssemos estar onde Ele está e ver a grandiosidade e a beleza de Sua glória (João 17:24).

Enquanto estamos aqui neste mundo, “gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:23). À semelhança de Paulo, também clamamos: “Miserável homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte? (Romanos 7:24). Quanto mais próximo alguém estiver do céu, mais ardentemente desejará estar lá, porque Cristo está lá. Os nossos pensamentos a respeito de Cristo são tão inadequados e imperfeitos que geralmente terminam no desejo de sermos capazes de conhecê-lo melhor. Mas esse é o melhor estado de alma em que podemos estar enquanto estivermos aqui. Oro a Deus que eu nunca deixe de pensar assim e que o Senhor aumente estes desejos mais

e mais em todos aqueles que crêem.

O coração de um crente, afetado pela glória de Cristo, é como uma agulha tocada por um imã. Ele não pode mais permanecer quieto ou satisfeito à distância, apesar de seus movimentos serem fracos e trêmulos. Ele está continuamente sendo inclinado em direção a Ele, mas não chegará ao seu descanso neste mundo. Contudo, lá no céu, com Cristo sempre diante de nós, poderemos firmemente olhar para Ele em toda a Sua glória. Esta visão constante trará um refrigério eterno e alegria às nossas almas. Não podemos entender, entretanto, como será a visão final de Deus. Mas sabemos que os puros de coração O verão (Mateus 5:8), e mesmo na eternidade Cristo será o único meio de comunicação entre Deus e a Igreja.

Olhem para os santos do Velho Testamento por alguns instantes. Eles viram algo da glória de Cristo apenas de uma forma velada, através de símbolos. Eles anelavam o tempo em que o véu pudesse ser removido e os símbolos dessem lugar à realidade. Eles olhavam para o cumprimento de todas as promessas divinas sobre a vinda do Filho de Deus ao mundo. Havia mais poder e fé verdadeira, geralmente, nos seus corações do que é encontrado entre a maioria dos crentes hoje. Quando Jesus veio, o velho Simeão, na verdade, O tomou em seus braços e disse: “Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; pois já os meus olhos viram a tua salvação” (Lucas 2:28-29).

Temos uma revelação mais clara da natureza singular de Cristo e da Sua obra do que qualquer dos santos do Velho Testamento. E a visão que teremos da glória de Cristo no céu será muito mais clara e muito mais brilhante que a revelação que agora temos. Se aqueles velhos santos oravam desejando tanto a remoção do véu e dos símbolos e desejando ardentemente ver a glória de Cristo, quanto mais ardentemente deveríamos nós estar orando para ver a Sua glória?

Até aqui temos pensado na glória de Cristo sendo mostrada em três planos. Os santos do Velho Testamento debaixo da lei possuíam os símbolos. No evangelho temos a perfeita semelhança. Mas devemos esperar até o céu, onde Cristo está, para virmos e desfrutarmos a realidade.

Vamos examinar a nós mesmos para vermos se estamos avançando continuamente em direção da perfeita visão da glória de Cristo no céu. Se não estamos, é um sinal verdadeiro que a nossa fé não é real. Se Cris-

to está em nós, Ele é “a esperança da glória” (Colossenses 1:27). Muitos amam o mundo demais para desejarem deixá-lo apressadamente e chegar ao lugar onde possam ver a glória de Cristo. Os seus interesses estão em suas posses, seus negócios ou suas famílias. Tais pessoas vêem a beleza deste mundo no espelho do amor próprio e suas mentes estão transformadas na mesma imagem egoísta! Por outro lado, verdadeiros crentes, que se deleitam em ver a glória de Cristo no evangelho, são transformados à Sua imagem.

Apenas o nosso Senhor Jesus Cristo entende, perfeitamente as eternas bem-aventuranças que serão desfrutadas por aqueles que crêem nEle. Ele ora para que possam “estar comigo onde eu estou, para que eles possam contemplar a minha glória” (João 17:24). Se podemos, no presente, entender apenas um pouco do que essa glória significa, pelo menos deveríamos confiar na sabedoria e amor de Cristo que ela será infinitamente melhor do que qualquer coisa que possamos desfrutar aqui. Porventura não deveríamos estar continuamente desejando ser incluídos nessa oração?

13

Outra diferença entre a presente visão de fé da glória de Cristo e nossa contemplação dela no céu

Quando olhamos para alguma coisa a uma grande distância, isso desaparece de nossa visão se algo se interpõe entre nós e ela. É isso o que

acontece, às vezes, com a nossa fé. Temos muito pouco ou quase nada de visão da glória de Cristo. Enquanto estamos nesta vida, o Senhor Jesus em Sua suprema sabedoria por vezes Se esconde de nós. Jó reclamou que ele não podia ver Deus nem à mão direita, nem à esquerda. (Jó 23:8-9). Isaías escreve: “Verdadeiramente tu és o Deus que te ocultas, o Deus de Israel, o Salvador” (Isaías 45:15). O salmista clamava: “Até quando, Senhor? Esconder-te-ás para sempre? (Salmo 89:46).

Às vezes, quando estamos ouvindo a pregação da palavra, a visão da glória de Cristo é escondida para alguns, enquanto ao mesmo tempo outros são aquecidos e fortalecidos (João 14:22)! Devo, então, tentar responder a duas perguntas:

1. Por que o Senhor Jesus Se esconde ocasionalmente, junto com a Sua glória, da fé dos crentes? Há diversas razões, mas eu mencionarei apenas uma. Ele age assim para nos compelir a buscá-LO de todo o nosso coração. A nossa horrenda preguiça geralmente nos faz negligenciar a meditação nas coisas espirituais e celestiais. Mas Cristo é paciente conosco. Ele sabe que aqueles que já viram algo da Sua glória, apesar de não terem valorizado isso como deveriam, não podem agüentar a Sua ausência por muito tempo. Ele diz: “Irei, e voltarei para o meu lugar, até que se reconheçam culpados e busquem a minha face: estando eles angustiados, de madrugada me buscarão.” (Oséias 5:15). Desta forma, seremos como a noiva que procurava pelo seu amado, mas, a princípio, não podia encontrá-lo. Ela disse: “...buscarei aquele a quem ama a minha alma...” (Cantares de Salomão 3:2). E quando o achou ela deteve-o e não o soltou. Geralmente somos como o homem descrito pelo profeta ao rei Acabe: “Sucedeu pois que, estando o teu servo ocupado duma e doutra parte... desapareceu. (1 Reis 20:40). Cristo Se compromete conosco e não deveríamos deixá-LO ir. Todavia, enquanto estamos ocupados, daqui e dali, as nossas mentes se tornam muito ocupadas com outras coisas. Ele nos deixa, então, e não podemos achá-LO.

2. Como podemos saber quando Cristo retira a Sua presença de nós para que não possamos ver a Sua glória? Estou falando agora apenas para aqueles cuja ocupação principal é a de manter a sua fé e amor ativos e direcionados para Jesus Cristo. O efeito de Sua presença é o defazer-nos tentar viver como Ele e amá-LO grandemente. No entanto, somente

quando estamos conscientes de viver pela fé é que temos o desejo de ser como Ele é. Crescer à semelhança de Cristo significa crescimento em graça, santidade e obediência. Quando este crescimento parece parar, podemos saber que Cristo não está conosco.

Há aqueles cujas mentes naturais podem ser afetadas ao olhar para imagens e crucifixos. Entretanto, o efeito produzido por uma imagem é apenas um efeito natural. Um Cristo imaginário não terá nenhum efeito espiritual nas mentes das pessoas. É apenas mediante o conhecimento espiritual da glória de Cristo, pela fé, que a graça é dada para fazer com que a alma deseje alegremente ser transformada em Sua semelhança. Se os nossos corações esfriam e ficam sem vida nos afazeres espirituais, é sinal certo que o Senhor Jesus tem nos deixando por um pouco. É igualmente certo que, quando estamos realmente olhando pela fé para a glória de Cristo, no evangelho, e continuamos em santa meditação e pensamento, sentimos a Sua graça e Sua vida operando em nós. Ponhamos isso à prova para vermos como o nosso amor por Ele crescerá. Daí então amaremos todos aqueles que pertencem a Ele. É por meio da atividade da nossa fé em Cristo que o Espírito Santo renova as nossas almas pelo Seu poder transformador.

Achegamo-nos a Cristo, em primeiro lugar, para que possamos ter vida. Mas também achegamo-nos a Ele, como crentes, para que possamos ter vida mais abundantemente (João 10:10). Assim como o Salvador repreende aqueles que não vêm a Ele para que tenham vida, assim também poderia justamente nos repreender por não irmos a Ele com mais frequência, mediante a fé, para que possamos ter essa vida mais abundantemente.

Há muitos que se dizem cristãos, os quais vivem uma vida muito descuidada, sem nenhuma preocupação por bênçãos reais e espirituais. Eles não conhecem o refrigério santo e espiritual que o Senhor Jesus nos traz pelo Seu Espírito, o Consolador. Estas bênçãos incluem paz espiritual, conforto e refrigério, alegria indizível e segurança abençoada. Sem nenhuma experiência dessas coisas, o nosso cristianismo é como que sem coração, sem vida e inútil. Como podemos dizer que acreditamos nas promessas sobre as glórias eternas do céu, se não acreditamos na promessa do gozo destas bênçãos espirituais aqui e agora?

Cristo diz a qualquer que O ama: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai... e viremos para ele, e faremos nele morada” (João 14:21,23). Quando Ele vem e Se mostra a nós, Ele sempre traz consigo paz, conforto, segurança e alegria. Nós nos banqueteamos com Ele através destes refrigérios espirituais (Apocalipse 3:20). Se perguntarmos como recebemos essas bênçãos, a resposta é; olhando para a glória de Cristo pela fé. (I Pedro 1:9-10). Meditemos na glória da natureza singular de Cristo, na Sua humilhação ao vir ao mundo, a Sua atual posição no mais alto céu, no Seu amor e na Sua graça. Os nossos corações, então, serão afetados em certa medida por um senso do Seu amor, que é a força de todos os nossos confortos espirituais (João 4:4; Romanos 5:5). Quando perdemos essas bênçãos, sabemos que a presença de Cristo nos deixou por um pouco e não podemos ver a Sua glória.

Ora, o propósito do Senhor Jesus em esconder a Sua glória da nossa visão é o de nos mover para que usemos a graça que Ele nos deu para buscá-LO de todo o nosso coração. Será que nos sentimos sem vida e tristes, sem um senso do Seu amor em nossos corações? Não há outra forma de nos recuperarmos a não ser voltar para Cristo. Todas as nossas preocupações espirituais vêm de nós mesmos, dos desejos maus que permanecem dentro de nós, os quais são, geralmente, intensificados pelas tentações de satanás. Devemos ter uma visão firme da glória de Cristo, somente pela fé, e isto nos trará de volta vida, alegria e amor para os nossos corações e almas.

Se estamos satisfeitos com uma simples idéia da glória de Cristo, como se fosse um pouco de informação obtida das Escrituras, descobriremos que ela não tem poder transformador para as nossas vidas. Amemos a Cristo de todo o nosso coração; enchamos as nossas mentes com pensamentos de prazer nEle, façamos com que a nossa confiança nEle seja sempre exercitada; então a virtude procederá dEle e encherá os nossos corações e os purificará, aumentará a nossa santidade, fortalecerá a nossa graça e nos encherá, às vezes, de “alegria indizível e cheia de glória” (I Pedro 1:8). É muito bom se o amor dos nossos corações é vivificado ao mesmo tempo em que os nossos entendimentos são iluminados. Mero conhecimento e falta de amor nos levam a uma formalidade vazia. Amor exagerado e falta de conhecimento levam à

superstição.

Nos crentes mesmos, quando há amor para com o mundo e das coisas desta vida, a fé é enfraquecida e a mente se torna fraca na sua visão da glória de Cristo. Mas qualquer um que tenha uma visão espiritual da glória de Cristo, terá grande amor para com Ele e a mente será cheia de pensamentos sobre Ele (Filipenses 3:8-10; Colossenses 3: 1-2).

Onde quer que o evangelho seja pregado, satanás cega as mentes daqueles que não crêem, “nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (II Coríntios 4:4). Mas Deus o sobrepuja na salvação dos eleitos e brilho nos seus corações “porque Deus que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo” (II Coríntios 4:6). Mas satanás não desiste nunca. Ele usa de todas as maneiras possíveis para perturbar as mentes dos cristãos. Os seus dardos envenenados causam temores e dúvidas para que eles não sintam o amor de Cristo. A outros ele torna descuidados para que não se examinem e vejam se Cristo está neles ou não. (II Coríntios 13:5). Dessa forma, muitos desistem de procurar uma experiência de poder e graça no evangelho, em suas próprias almas, e assim nunca descobrem a glória de Cristo que podem conhecer.

Já é hora de considerar a visão da glória de Cristo que teremos no céu.

1. Serão tornadas perfeitas a habilidade e a atividade de nossas almas. Seremos como “os espíritos dos justos aperfeiçoados (Hebreus 12:23). Estaremos livres de todas as limitações da carne. Seremos transformados para que fiquemos perfeitos, em pureza e santidade, como Deus. Os nossos corpos glorificados poderão desfrutar da glória de Cristo para sempre. O nosso entendimento será perfeito, porque veremos a Deus, e todas as afeições do nosso coração estarão fixas nEle de forma inseparável. Em nosso estado presente de fraqueza, às vezes somos forçados a nos desviar e não considerar essas realidades, da mesma forma que desviamos os nossos olhos do brilho do sol. Mas naquele estado perfeito, poderemos olhar firmemente para a glória, com gozo eterno. Davi diz: “Quanto a mim, contemplarei a tua face na justiça; satisfazer-me-ei da tua semelhança quando acordar” (Salmo 17:15). Nunca nos cansaremos

de olhar para Cristo, quem unicamente é a semelhança e imagem de Deus. Aqui, andamos pela fé, mas lá nos será dado um eterno poder de visão para que possamos vê-LO como Ele é, face a face, com perfeito gozo para todo o sempre. (Apocalipse 4:8).

2. Estar no inferno sob a ira de Deus é em si mesmo o pior mal possível. Mas estar lá para sempre, sem nunca terminar essa miséria, deve ser um mal que ultrapassa toda a nossa capacidade de imaginação e descrição. Semelhantemente, com a vida futura de bem-aventurança, não haverá limitação de tempo, nenhuma interrupção da alegria. Estaremos “para sempre com o Senhor” (I Tessalonicenses 4:17). Não haverá necessidade de nenhuma das atuais formas de louvor que utilizamos. A constante, imediata, e ininterrupta alegria da presença de Deus e do Cordeiro suprirá todas as nossas necessidades. “E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro. E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada” (Apocalipse 21:22-23). A perpétua presença de Cristo no céu com os santos é uma contínua experiência de luz e glória. Não existirão dúvidas ou temores porque estaremos num estado de triunfo sobre eles, perpetuamente (I Coríntios 15:55-57). A visão da glória de Cristo será sempre a mesma, e sempre nova, sem que haja nada para atrapalhar a mente no mais perfeito louvor de uma vida focalizada no mais perfeito objeto, a glória de Cristo. Esta experiência é a maior bem-aventurança pela qual nossa natureza humana poderá passar.

Diferenças adicionais entre a presente visão de fé da glória de Cristo e nossa contemplação dela no céu

1. No presente ganhamos um entendimento espiritual da glória de Cristo, pela fé, quando estudamos as Escrituras. Mas, a luz da revelação é distribuída por todos os livros do Velho Testamento, assim como a luz natural é-nos dada por meio do sol, lua e estrelas. Se todas as luzes fossem canalizadas através de uma única fonte, não a poderíamos suportar. Assim, nas Escrituras a glória de Cristo é descrita, pouco a pouco, de várias maneiras. Às vezes isso é feito com palavras completas, outras vezes em tipos e figuras que ilustram a Sua humilhação e amor por nós. Diferentes verdades estão espalhadas na Bíblia para que as colhamos como belas flores. Em Cantares de Salomão 5:10-15 a noiva considera as muitas belezas do seu amado e conclui que ele é “totalmente lindo”. Assim também, nós, vagarosamente percebendo as muitas belezas de Cristo, descobrimos que Ele é inteiramente glorioso.

No céu, entretanto, a plenitude da glória de Cristo estará diante de nós. Poderemos, estando glorificados, contemplá-la por inteiro. Aqui não podemos imaginar que beleza e glória haverão nesta completa descoberta de Cristo. Entenderemos, de uma vez por todas, o que Ele fez, o que Ele sofreu, Sua posição exaltada, Sua união com a Igreja, e como as coisas estão reunidas nEle. Veremos a glória de Cristo, Sua sabedoria, retidão, graça, amor, bondade e poder, todos brilhando eternamente nEle. Podemos anelar por isso ainda aqui e até provarmos um pouco dessa glória, mas o pleno conhecimento de Cristo está em Sua glória celestial onde há águas da vida e rios de gozo e prazer para todo o sempre.

2. A visão que teremos da glória de Cristo no céu nos transformará perfeita e totalmente em Sua semelhança. "...seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos" (I João 3:2). Vamos observar isso um pouco mais detalhadamente.

i. Quando a alma deixa o corpo ela é imediatamente liberta de sua fraqueza, falta de inteligência, treva e temor. A natureza pecaminosa não mais existe. A morte foi o julgamento decretado por Deus sobre o pecado, mas, através da morte de Cristo por nós, recebemos o perdão (I Coríntios 15:54). Os incrédulos, entretanto, não de receber a recompensa pela sua incredulidade — o banimento de suas almas da presença de Deus.

ii. Os crentes, após serem libertados do peso de sua natureza pecaminosa, descobrem que seus espíritos podem realizar o propósito para o qual foram criados. Eles podem ter prazer na presença de Deus, com agradável sossego e satisfação. Então, também, na ressurreição o novo corpo glorificado não mais vai atrapalhar, mas ajudará as atividades espirituais. Os nossos olhos foram feitos para ver o nosso Redentor e todos os outros sentidos serão usados para que gozemos da comunhão com Ele.

iii. Não seremos levados imediatamente à presença de Cristo, sem que um novo poder nos tenha sido dado, uma habilidade celestial, para ver o Senhor Jesus como Ele é. Esta gloriosa habilidade tomará o lugar da fé, a qual precisamos apenas nesta vida.

iv. Quando os crentes virem pela primeira vez a glória de Cristo, eles serão, imediata e definitivamente, transformados em Sua semelhança. Quando o pecado entrou no mundo, Adão foi expulso do jardim do Éden, e Deus disse ao condená-lo: "Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal..." (Gênesis 3:22). Quando a obra da graça estiver terminada. Deus poderá dizer em palavras semelhantes, não com raiva, mas com amor e infinita bondade: "Eis que o homem é como um de nós." Nesta vida a nossa fé em Cristo traz, na verdade, uma mudança gradual em nós, apesar de incompleta. Devemos ter agora alguma experiência dessa mudança se queremos ter certeza que seremos perfeitamente restaurados à semelhança de Deus. (II Coríntios

3:18; 4:16-18, Filipenses 3:10-14).

3. Mesmo no céu, todas as criaturas deverão viver eternamente na dependência de Deus, a eterna fonte de vida, bondade e bem-aventurança. Não seremos mais auto-suficientes na glória do que somos agora. Tudo virá até nós através de Jesus Cristo, todas as coisas no céu e na terra serão reunidas nEle (Efésios 1:10-11). O nosso estado contínuo de felicidade e glória dependerá inteiramente de Deus, por meio de Cristo. Assim, nunca nos cansaremos de ver a Cristo no céu. O infinito objeto de nossa visão glorificada será imensurável e sempre novo para o nosso entendimento finito. A nossa felicidade consistirá em comunicações saudáveis da infinita plenitude da natureza de Deus.

Esta vida futura de glória é muito maior que a vida de fé que vivemos agora. E ainda não há neste tempo presente alegria ou satisfação que possa ser comparada com a fraca e imperfeita visão da fé da glória de Cristo. Mesmo uma visão pobre de fé nos dá um gosto da futura bem-aventurança no gozo de Cristo que ansiamos ver e aguardamos até a hora em que estivermos com Ele, pois O veremos e O conheceremos como Ele nos conhece.

15

Um apelo urgente àqueles que ainda não são verdadeiros crentes em Cristo

Geralmente, nos Evangelhos, quando há uma descrição da excelência de Cristo como Salvador, há também um convite aos pecadores para que

venham ao Senhor. Por isso está certo que nestes capítulos finais do nosso estudo da glória de Cristo, relacionemos essa verdade às nossas necessidades como pecadores. Cristo diz: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mateus 11:28) e “Se alguém tem sede, venha a mim, e beba” (João 7:37). Há diversas razões porque devemos considerar este convite:

1. Muitos ouvem a palavra pregada mas poucos são salvos. “Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos” (Mateus 22:14). É a maior loucura do mundo deixar as considerações sobre o nosso estado eterno para algum tempo incerto no futuro que talvez nunca chegue.

2. Não pensem que devido se confessarem ser cristãos, e se desfrutarem das bênçãos externas do evangelho, vocês necessariamente já pertencem a Cristo. Vocês podem se comparar com outros e achar que são melhores que alguns deles. Mas, se confiarem naquilo que são para sua salvação, ou naquilo que fazem, então decepcionarão suas almas para sempre (Mateus 3:9).

3. A não ser que estejamos completamente convencidos de que, sem Cristo, estamos debaixo da maldição eterna de Deus, como os seus piores inimigos, nunca correremos para Ele para obter refúgio. Cristo não veio para “chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento” (Mateus 9:13). Assim, a nossa principal preocupação, se ainda não estamos salvos, deveria ser um sentido profundo da maldição e da condição perdida de nossas almas.

4. Mas agora considerem o amor infinito de Cristo ao chamá-los para vir a Ele e receber vida, perdão, graça, paz e salvação eterna. Há muitos encorajamentos dados nas Escrituras que servem bem aos perdidos, convictos pecadores. Jesus Cristo ainda Se apresenta diante dos pecadores, chamando-os, convidando-os e encorajando-os para que venham a Ele. Através da pregação dos ministros cristãos, Cristo diz: “Por que vocês querem morrer? Por que não têm pena de suas almas? Venham a Mim e Eu removerei todos os seus pecados, lamentos, temores e pesos. Eu darei descanso às suas almas”. Considerem a grandeza do Seu perdão, graça e amor ao chamá-los tão sinceramente para virem a Ele. Não deixem que o veneno da incredulidade, que inevitavelmente leva à ruína eterna, faça com que desprezem este santo convite para vir a Cristo.

5. Talvez alguém esteja começando a vir a Ele, e esteja com medo que Ele não o receba, porque tem sido um grande pecador. Mas a mensagem do evangelho diz que Cristo está pronto a receber qualquer pecador que se chega a Ele. O Pai, o Filho e o Espírito Santo — os três — concordam que Cristo, o Senhor, está pronto para receber todos os pecadores que se chegarem a Ele. Nada senão incredulidade obstinada, o que faz de Deus um mentiroso, pode sugerir que Ele não está desejoso de nos receber quando O buscamos.

6. Considerem que Cristo está tão pronto para nos salvar como está para nos receber. Ele não salvará pecadores incrédulos que não se arrependem de seus pecados. Isso seria o mesmo que negar a Si mesmo e um ato contrário à Sua Palavra. No entanto, nada pode impedir o Seu soberano, irresistível e grande poder de salvar aqueles que estão arrependidos. “É-me dado todo o poder no céu e na terra”, e Ele usará este poder para dar salvação eterna a todos quantos venham a Ele. (Mateus 28:18). Ele disse: “Todo o que o Pai me dá virá a mim, e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora” (João 6:37).

7. Pensem com seriedade sobre o infinitamente sábio e gracioso Deus cujo propósito é que Seu perdão, amor, graça, bondade, retidão, sabedoria e poder pudessem estar em Cristo para a salvação de todos os que crêem. Portanto todo aquele que vem a Cristo pela fé, está por esse ato honrando a Deus. Maior glória é dada a Deus mediante nossa vinda a Cristo pela fé, do que se pudéssemos guardar toda a lei. Não se decepçionem pensando que é de pouca importância se vocês vêm a Cristo ou não. A sua recusa em agir assim é um ato de ódio contra Deus tão grande quanto a sua natureza é capaz de cometer.

8. Considere, prezado leitor, como por sua vinda a Cristo, Ele Se tornará seu num relacionamento mais chegado do que existe entre esposa, marido e filhos. Cristo está mais próxima dos crentes do que qualquer outro relacionamento pode estar. E isso significa que a glória de Cristo é sua quando você vem a Ele. Acaso é uma coisa pequena a seus olhos que Cristo pode ser seu? Não significa nada para você que toda a Sua glória e eternas bem-aventuranças podem ser suas?

9. “Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação...” (Hebreus 2:3). Os incrédulos que não se arrependem, quando ouvem a pregação do evangelho, são as mais ingratas e más de todas

as criaturas de Deus. Os próprios demônios, tão maus como são, não são culpados desse pecado, porque eles nunca tiveram a oportunidade de receber a salvação.

Alguém poderá dizer: “O que devem fazer os pecadores então?” Aceitem o conselho das Escrituras: “se ouvirdes hoje a sua voz, não endureçais os vossos corações...” (Hebreus 3:7-8). “eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação” (II Coríntios 6:2). Esta é uma hora tão boa para ter certeza da sua salvação como qualquer hora agradável em que você esteja neste mundo. Cristo espera você há bastante tempo, e quem sabe se brevemente Ele o deixará entregue a si mesmo e assim você nunca mais O achará?

A incredulidade é geralmente disfarçada em outras atitudes da mente, como as que relataremos a seguir:

i. Alguns dizem: “acreditamos até onde podemos, na palavra que é pregada. Fazemos as coisas com boa vontade e temos cuidado para não fazer coisas erradas. O que mais ainda é exigido de nós?” Pensando que já cumpriram as suas responsabilidades, eles fazem a pergunta que certas pessoas fizeram a Jesus em João 6:28 “que faremos para executar as obras de Deus?” Simão, o mago, ouviu a palavra e acreditou tanto quanto pôde. Herodes ouviu a pregação de João. Mas nenhum dos dois foi crente verdadeiro. Ações como estas podem muito bem ser feitas por incrédulos. Muitos hipócritas fazem diversas tarefas sem, contudo, possuir fé verdadeira. A sua falta de fé é mascarada pela sua muita atividade.

Há um ato especial de fé, no qual o pecador se rende em desejo de obediência a Deus em tudo. Esse ato especial é acompanhado por uma mudança que afeta toda a natureza. “...se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (II Coríntios 5:17). Sem esse ato básico de fé, todas as outras ações não evidenciam que uma pessoa é crente.

ii. Alguns dizem que estão tentando vir a Cristo e crer nEle, mas parece que não fazem nenhum progresso. Eles, secretamen-

te, se desesperam de poder recebê-lo, como é proclamado no evangelho. Eu pediria que essas pessoas se lembrassem dos discípulos que estavam pescando durante toda a noite, mas não haviam pescado nada (Lucas 5:3-6). Cristo vem a eles e os manda que lancem as redes mais uma vez. Pedro lembra ao Senhor de como eles haviam trabalhado toda a noite em vão, mas, à palavra do Senhor, ele lança a rede e ela se rompe por causa do grande número de peixes que foi apanhado. Você tem ficado cansado e desapontado em seus esforços de vir a Cristo? Tente mais uma vez — você não sabe o sucesso que Ele pode lhe dar!

Amigo, não são as suas falhas que serão a sua ruína, mas a sua desistência de vir a Cristo. Pense na mulher Cananéia em Mateus 15:22-28. A princípio, Jesus não lhe respondeu. Então os discípulos lhe pediram que a mandasse embora. Além disso, Jesus disse que Ele havia sido mandado apenas àqueles que eram israelitas. Mas ela não desistiu e O adorou e disse: “Senhor, ajude-me”. Ele então a comparou aos cães que não tinham o direito de comer do pão dado aos “filhos”. Se ela houvesse desistido, nunca teria obtido perdão. No entanto, ela jamais aceitaria um “não” como resposta, até que lhe fosse dado o que havia pedido. Pode ser que você tenha orado muitas vezes, sem sucesso — você pensa. Não desista. “Bem-aventurado o homem que me dá ouvidos, velando às minhas portas cada dia, esperando às ombreiras da minha entrada” (Provérbios 8:34). “...prossigamos em conhecer o Senhor...” (Oséias 6:3).

iii. Alguns dizem conhecer que devem vir a Cristo e crer nEle ou estão perdidos, porém, estão muito ocupados no presente e haverá tempo suficiente para pensar nisso seriamente mais tarde. Será que pode haver alguma coisa mais tola que considerar as insignificantes coisas do presente mais que a felicidade ou miséria de um eterno estado? Você vem ouvir a palavra, e a linguagem do seu coração é: “Um pouco de sono, um pouco tosquenejando, um pouco encruzando as mãos para estar deitado” (Provérbios 6:10). Decepcionados desta forma, milhares perecem a cada dia. O maior sucesso de Satanás é o de fazer com que muitas pessoas pensem que têm tempo de sobra para considerar o seu eterno

bem-estar. Lembre-se, as Escrituras o limitam ao dia presente, sem nenhuma certeza de um outro dia em que você terá oportunidade de receber graça e perdão (II Coríntios 6:2; Hebreus 3:7,13).

iv. Alguns encontram muita satisfação nos seus prazeres pecaminosos atuais porque eles não podem se separar deles. Se você é um desses, devemos lhe falar francamente e não deixar nenhuma dúvida de que você não pode esperar perdão uma vez que o seu coração está apegado mesmo a um só pecado. É claro que você não estará perfeitamente livre da condição pecaminosa de sua velha natureza quando se torna um crente verdadeiro. Mas deverá amar a Deus ou ao mundo, Cristo ou satanás, santidade ou pecado. Não há outra alternativa (II Coríntios 6:15-18). Com relação aos seus supostos prazeres, a não ser que esteja em Cristo, você nunca teve nenhum real prazer. Uns poucos momentos das alegrias que são encontradas nele são muito melhores que o maior tempo passado em prazeres vis deste mundo sobre os quais paira a maldição de Deus (Provérbios 3:13-18).

v. Há aqueles que dizem que certos crentes que eles conhecem não são melhores do que eles, e por isso eles também deveriam ser considerados como cristãos. Eu lhes digo que há aqueles que se chamam de cristãos, os quais são falsos e fingem ser o que não são. Mas esses terão que suportar o seu próprio julgamento. É ainda um fato triste que alguns crentes são descuidados na maneira de viver e, portanto, desagradam a Deus e desonram a Cristo e o evangelho. Mas, essas pessoas não são as que você deve imitar.

O mundo não pode fazer um julgamento correto dos crentes. Apenas uma pessoa espiritual discerne as coisas de Deus (I Coríntios 2:14). As faltas e fracassos do piedoso são vistas por todas as pessoas, mas as suas graças, geralmente não são vistas. “A filha do rei é toda ilustre no seu palácio; as suas vestes são de ouro tecido” (Salmo 45:13). Quando você puder fazer um julgamento correto de outros crentes verdadeiros, não achará nada mais agradável do que estar em companhia deles (Salmo 16:3).

Como os cristãos podem encontrar uma graça nova para renovar suas vidas espirituais

Os rios ficam mais largos e profundos quando chegam mais próximos do oceano; da mesma forma, a graça deveria jorrar mais completa e livremente nos crentes, quanto mais perto do céu eles estão. Quando chegam perto da eternidade, os crentes desejam ter as suas infidelidades curadas e as suas falhas perdoadas. Eles desejam ardentemente uma atividade saudável da graça divina para torná-los mais férteis e santos, para o louvor do Senhor e para o aumento de sua própria paz e alegria. Desejam saber que, embora “o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia” (II Coríntios 4:16). A glória dos reis é a riqueza e a paz dos seus súditos. Assim, também a glória de Cristo está na graça e santidade dos seus súditos. Em Salmo 92:12-15 o salmista diz: “O justo florescerá como a palmeira; crescerá como o cedro no Líbano. Os que estão plantados na casa do Senhor florescerão nos átrios do nosso Deus. Na velhice ainda darão frutos, serão viçosos e florescentes, para anunciarem que o Senhor é reto. Ele é a minha rocha, e nEle não há injustiça”.

A palmeira é mais bonita e frutífera e o cedro tem uma vida mais longa que qualquer outra árvore. Assim, os retos são comparados com essas árvores, mas pela negligência pecaminosa, muitos cristãos são mais semelhantes a arbustos nos desertos. A não ser que sejamos plantados na casa do Senhor, não podemos florescer. Não vamos nos iludir. Podemos até pertencer a uma igreja, mas, a menos que estejamos enraizados e edificados em Cristo, não floresceremos em graça e fecundidade

(Colossenses 2:7). Quando os crentes estão vivendo em Cristo, eles recebem um contínuo suprimento de comida celestial que os mantém fortes e saudáveis. Os frutos de uma obediência santa são vistos neles. Isto faz com que as suas vidas pareçam atrativas aos outros. Bendito seja Deus pela boa palavra de Sua graça que nos encoraja quando sentimos a morte e as tentações da velhice. Nada, a não ser a fidelidade e o poder de Deus, pode nos manter firmes até o fim.

Quero terminar com os quatro pontos seguintes:

1. A natureza da vida espiritual, normalmente, é a de crescer e aumentar até o fim. Há uma fé temporária que murcha e seca. Isso é descrito pelo Senhor Jesus Cristo: "...o que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra, e logo a recebe com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração..." (Mateus 13:20-21). A fé verdadeira, entretanto, é descrita em Provérbios 4:18: "...a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito". A luz da manhã se parece muito com a luz do anoitecer. A diferença está em que uma vai aumentando até dar mais luz, tornando-se perfeição, e a outra, gradualmente se torna mais escura até a meia noite. Assim, há uma diferença entre um cristão verdadeiro e uma pessoa que não tenha vida espiritual em si. Onde existe graça salvadora, ela continuará crescendo até o fim. Às vezes, pode haver um período quando a alma parece estar indo mais para trás que para a frente. Então, a graça de Deus não dará descanso e essa alma, até que ela se recupere e comece a crescer novamente. Aqueles que não são cristãos verdadeiros, são enganados pelas suas próprias almas, e não fazem nenhum esforço para se recuperarem da ruína eterna que está à frente deles. Às vezes, quando alguém se converte, ele fica perturbado e aflito por causa das tentações de satanás. Mas a graça que recebeu como a luz da manhã continua a crescer, apesar de todas as nuvens e escuridão.

A vida espiritual é também como água viva, um poço que nunca seca e que jorra para a vida eterna (João 4:10,14). Um lago, entretanto, pode se secar em tempos de muita estiagem. Assim, também, a vida de muitos que se chamam de cristãos seca-se quando eles caem em problemas e tentações. A vida espiritual de um crente verdadeiro nunca fracassa, mas continua a crescer sempre.

As promessas de Deus foram os meios pelos quais cremos no princípio. É também através dessas preciosas promessas que a natureza divina é mantida viva em nós (II Pedro 1:4). Olhem apenas para uma promessa: “Porque derramarei água sobre o sedento, e rios sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade, e a minha bênção sobre os teus descendentes. E brotarão entre a erva, como salgueiros juntos aos ribeiros das águas” (Isaías 44:3-4). Isto não é apenas uma promessa para os judeus, mas também, para a Igreja de Jesus Cristo. Em nós mesmos, somos como um solo seco e sedento que não produz frutos. Então Deus derrama a água do Seu Espírito e a bênção de Sua graça e crescemos sob a influência de Suas promessas, como uma árvore junto a um ribeiro.

Com relação à graça dada na conversão aos escolhidos de Deus, debaixo do novo pacto, isso é absolutamente livre e incondicional. Mas há algumas condições ligadas às promessas pelas quais os crentes crescem na graça. Uma obediência cuidadosa ao evangelho é esperada de nós, para que nos tornemos espiritualmente fecundos (II Pedro 1:4-10). A principal diferença entre a glória e a beleza da Igreja vista nas promessas do evangelho, e a vida da Igreja vista nos cristãos professos, é que eles não cumprem essas condições.

Deus providenciou alimento para a nossa vida espiritual, a fim de crescermos e ficarmos fortes. Esse alimento é a palavra de Deus (I Pedro 2:2-3). Se não comermos o nosso pão diariamente, nos tornamos fracos e inúteis. Assim, devemos valorizar e nos alimentar da boa palavra da graça de Deus, a qual pode manter a nossa vida espiritual saudável e em crescimento, ainda mesmo na velhice.

2. Os crentes são passíveis de tentações e de se cansarem na sua vida espiritual. Mas um cristão autêntico sempre saberá quando está sofrendo de alguma doença espiritual e desejará uma imediata recuperação. É a experiência triste de todos os crentes, de todas as igrejas do mundo, que um enfraquecimento geral da vida espiritual causa a perda do seu primeiro amor, fé e obras. Isso era verdade nas igrejas da Ásia para as quais João escreveu as cartas do Apocalipse, capítulos 2 e 3.

Há também tentações súbitas que trazem grandes tristezas espirituais. Davi se refere a isso em certa parte do Salmo 38. Ele sentiu que tinha se separado de Deus e que havia tolamente continuado naquele estado pe-

campos ao invés de procurar a misericórdia de Deus. Ele possuía um contínuo senso do desagrado de Deus e desejava ser recuperado daquela condição miserável. Talvez não caíamos tão baixo quanto Davi, mas qualquer que seja o nosso pecado, o coração conhecerá as suas próprias amarguras (Provérbios 14:10). Muitas coisas causam uma perda gradual da vida e do poder espirituais. Nós nos tornamos tão acostumados às formas de adoração públicas e devoção particulares, a ponto de começarem a perder o seu significado. Podemos estar ocupados em demasia com os afazeres e prazeres desta vida e não condenarmos os pecados que são naturalmente atraentes para nós.

3. Muitos que se chamam cristãos, não mais apreciam a vida e a fertilidade que resultam da crença nas promessas de Deus. Eles precisam ser sacudidos para que saibam que estão doentes, precisando de uma cura. Muitos crentes deram lugar à preguiça, negligência ou outra tentação qualquer. Davi sabia o que era e no Salmo 103:1-5 expressou a sua alegria ao ser restaurado. Deus tem dado grandes avisos sobre os perigos de murcharmos espiritualmente; deu-nos grandes promessas que nos capacitam a nos recuperar. Se vocês não sabem nada sobre estas experiências, talvez seja porque as suas almas nunca estiveram num estado forte e sadio. Qualquer pessoa que sempre tem estado fraca e doentia por toda a sua vida desconhece o que é ser saudável e forte. Há alguns que vivem em todos os tipos de pecado. Se conversarmos com eles sobre os seus modos maus e a necessidade de serem restaurados, eles nos tratarão à semelhança de como Ló foi tratado pelos seus genros. “Então saiu Ló, e falou a seus genros, aos que haviam de tomar as suas filhas, e disse: Levantai-vos e sai deste lugar: porque o Senhor há de destruir a cidade. *Foi tido porém por zombador aos olhos de seus genros*” (Gênesis 19:14). Tais pessoas deveriam perguntar a si mesmas se elas, por acaso, já conhecem alguma coisa da graça de Deus. Ou pode ser que vocês estejam repousando num sentido falso de sua própria segurança. São como a igreja de Laodicéia a qual disse: “Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta...” e não sabia que era “...desgraçado, e miserável, e pobre, e cego e nu” (Apocalipse 3:17). À semelhança de Efraim, vocês têm cabelos grisalhos e estão em condição de morte mas “não retornam ao Senhor (vosso) Deus e nem o procuram por causa de tudo isso” (Oséias 7:9-10). Vocês são como aqueles que Cristo chamou de “os sãos” os quais

“não necessitam de um médico”. Todavia, Ele “...não veio para chamar os sãos, mas os pecadores ao arrependimento” (Marcos 2:17).

Poderia dizer-se de nós, que já nos tornamos cansados de Deus, como os povos da antiguidade? “Contudo tu não me invocaste a mim, ó Jacó, mas te cansaste de mim, ó Israel” (Isaías 43:22). Há frequentemente um fracasso em manter o culto doméstico com a família e um desejo real muito pequeno de frequentar a igreja. Mas, mesmo quando esses deveres são realizados regularmente, ocorre um cansaço que faz com que nos aproximemos de Deus com os nossos lábios, quando os nossos corações estão longe dEle (Mateus 15:8). Temos grande necessidade de vigiar e orar. Mil coisas, resultantes dos negócios comuns do dia-a-dia, nos impedem de movimentarmos mais na graça que Deus nos deu. E, especialmente, algum pecado do qual não nos livramos, fará com que a nossa adoração pareça um fardo pesado.

Aquelas coisas que trazem a maior glória a Deus são a humildade, um sentimento de tristeza real pelo pecado, uma boa vontade e prazer ardentes nos caminhos de Deus, amor e negação de si mesmo. Porventura estamos sendo fecundos nestas coisas, mesmo na velhice? (II Pedro 1:8). Podemos testar a nós mesmos da seguinte maneira:

i. Será que temos bom apetite espiritual pela Palavra de Deus e uma experiência da graça de Deus? Algumas pessoas ouvem os sermões apenas para confirmar as suas próprias idéias. Outras comecem a passar julgamento no pregador. Apenas algumas é que se preparam para receber a Palavra de Deus em seus corações. À medida que envelhecemos, perdemos muito do nosso apetite natural pelo alimento. Dizemos que ele não tem um gosto tão bom, como quando éramos jovens. Mas a mudança é em nós mesmos, não na comida. Assim é com a Palavra de Deus que o salmista diz ser mais doce que o mel e o licor dos favos (Salmo 19:10). Se estivéssemos famintos, acharíamos doçura no amargor de suas repreensões.

ii. Será que fazemos da religião a nossa principal ocupação na vida? Com muitos de nós, tudo o mais é colocado antes da coisa essencial — o nosso bem estar espiritual. Se estamos continuamente ocupados com os afazeres do mundo e só arrumamos um tempo aqui e acolá para considerar as realidades espirituais, é

uma demonstração certa que a nossa vida espiritual está se desvanecendo. Quando isso acontece, temos falta de amor para com os outros cristãos e não estamos desejosos de responder aos apelos de Deus para nos arrepender e endireitar os nossos caminhos.

4. Há um caminho de volta à força espiritual e à fecundidade, mesmo na velhice:

i. Ninguém está sem esperança, mesmo que caído num nível inferior, porém devemos usar os meios corretos para nos recuperarmos. As árvores que já ficaram velhas ou infrutíferas recebem vida nova se cavarmos ao redor delas e as adubarmos. Nós as transplantamos para outro lugar. Certos crentes professos mudaram para falsas religiões à procura de ajuda, secaram e morreram. Se apenas tivessem usado os próprios meios para sua cura talvez não teriam morrido.

ii. Atos pecaminosos devem ser postos à morte e todo o ensinamento de Cristo deve ser cuidadosamente obedecido. Não devemos, é claro, cair no erro dos fariseus. Confissões, peregrinações, jejuns e repetições de muitas orações não nos farão aceitáveis a Deus. Tem que haver um esforço redobrado para deixar o pecado de lado. É absolutamente necessário, também, ler regularmente as Escrituras (ou ouvir alguém lê-las), ouvir a Palavra de Deus pregada, vigiar e orar contra as tentações. Desta forma, a mente será mantida de maneira espiritual e elevada em seus pensamentos e afeições. Todas estas coisas, entretanto, não podem ser feitas pela nossa própria força. Não somos “capazes, por nós mesmos, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus” (II Coríntios 3:5). A fé precisa obter a ajuda de Cristo em quaisquer esforços que tentemos fazer. Sem fé eles serão inúteis e rejeitados por Deus.

iii. A restauração de crentes que tenham perdido a saúde e força espiritual é um ato da soberana graça, obra do Deus Todo-poderoso, a cuja graça e amor ninguém pode resistir. Deus providenciou grandes e preciosas promessas, que devem ser usadas para esse propósito. Examinemos mais algumas dessas promessas em Oséias, capítulo 14:

Versículo 1. O verdadeiro Israel de Deus, o Seu povo escolhi-

do, foi afetado pelos pecados de toda a nação. Oséias havia, no início, pronunciado terríveis julgamentos sobre a nação por causa de sua grande maldade. Mas nada pode impedir o poder supremo de Deus de fazer, o que Ele deseja com o Seu povo através de Sua graça. Deus ainda era “o Senhor seus Deus”, e apesar de haverem caído, eles foram graciosamente convidados a retornar.

Versículo 2. Deus, por meio do Seu profeta, mostra ao povo como ele deveria estar orando: “Expulsa toda a iniquidade, e recebe o bem”. Nenhum pecado é omitido. Quando o perdão de todos os pecados foi obtido, e os israelitas começaram a sentir o amor de Deus uma vez mais, houve o desejo de saber que Deus livremente os aceitou e que eles não estavam mais debaixo de Seu desagrado.

Versículo 3. Deus espera uma completa e livre confissão dos dois grandes pecados que arruinavam o Seu povo — confiança no homem e falsa adoração. “Não nos salvará a Assíria... à obra das nossas mãos não diremos mais: Tu és o nosso Deus; porque por ti o órfão alcançará misericórdia”.

Versículo 4. Apesar de Deus curar as nossas apostasias e nos amar livremente, ainda assim somos intimados a nos arrepender, e Ele nos dá a graça necessária para assim agirmos. Deus dá a Si mesmo o título: “Eu sou o Senhor que te sara” (Êxodo 15:26). A única razão para que Ele nos cure é o Seu amor imerecido e espontâneo. A sua cura inclui perdão de pecados passados e suprimento de graça para nos tornar frutíferos em obediência. “Eu serei como orvalho para Israel” (versículo 5).

É verdadeiramente uma grande coisa termos os nossos desvios curados e um senso da beleza e glória do amor de Deus, perdão e graça operando em nossas vidas novamente. Não se desespere pensando que não vai receber estas fontes saudáveis da graça. Obtenha-as pela fé nas promessas de Deus, pois elas são proporcionadas mediante Jesus Cristo, o glorioso mediador.

Todas as provisões da graça vêm de Jesus Cristo e dEle apenas. “Sem mim, nada podereis fazer”. “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não

mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim” (João 15:5; Gálatas 2:20). A única maneira de receber suprimento de força espiritual e graça é através da fé. Ele habita em nossos corações pela fé; Ele age em nós pela fé e portanto vivemos pela fé no Filho de Deus. Há apenas uma forma de ser revivificados e curado de nossas infidelidades para que possamos nos tornar produtivos mesmo na velhice. Devemos dar uma olhada bem firme para a glória de Cristo em Seu caráter especial, em Sua graça e obras, como as Escrituras nos mostram. No Salmo 34:5 Davi diz: “Olharam para ele, e foram iluminados; e os seus rostos não ficarão confundidos”. A fé deles foi vista no ato de olhar para Jesus, isto é, para Cristo, ou para a glória de Deus nEle. O ato de confiança deles veio de uma consideração sobre quem e o que Ele é. Eles foram aliviados pela luz salvadora e espiritual que receberam dEle. Isso também pode acontecer conosco, se olharmos com a mesma fé para o nosso Senhor Jesus Cristo. “Olhai para mim, e sereis salvos, vós todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro” (Isaías 45:22). Toda a nossa salvação, incluindo todas as coisas em nossa vida espiritual, depende desse olhar. Este é o modo pelo qual recebemos graça e glória. “Eu, porém, esperarei no Senhor; esperarei no Deus da minha salvação: o meu Deus me ouvirá” (Miquéias 7:7).

Uma contínua visão da glória de Cristo terá o abençoado efeito de nos conformar, cada vez mais, à semelhança dEle. Talvez outras maneiras e formas tenham falhado em nos tornar semelhantes a Cristo. Vamos pôr esta maneira à prova!

A maior parte de nossa fraqueza espiritual e esterilidade provém de deixarmos que outras coisas ocupem a nossa mente com muita facilidade. Quando estamos com nossas mentes cheias de Cristo e de Sua glória, e os nossos corações ardem em grande amor para com Ele, não temos lugar para nenhuma outra coisa (Colossenses 3:1-5). Apenas uma contínua visão de Cristo e Sua glória nos impelirá e nos encorajará para vigiar e lutar continuamente contra as enganadoras artimanhas do pecado. A experiência dessas coisas que tornam Cristo glorioso tem o poder de nos incutir o desejo de praticar somente as coisas que O agradam.

A Glória de Cristo

John Owen nasceu no ano de 1616 e cresceu numa quieta casa pastoral no condado de Oxford. Entrou na Universidade de Oxford com a idade de doze anos, recebeu o título de Bacharel em Artes em 1632 e o de Mestre em Artes em 1635. Owen foi um dos mais destacados teólogos que a Inglaterra já teve.

“Meditações sobre a glória de Cristo” foi o último de muitos livros que Owen escreveu. Ele faleceu quando o mesmo estava sendo impresso, em 1683. Foi escrito, ele nos diz, “para estimular a sua própria mente quando a fraqueza, cansaço e a aproximação da morte” o estavam chamando deste mundo.

Como diz Owen: “Uma contínua visão da glória de Cristo terá o abençoado efeito de nos conformar, cada vez mais, à semelhança dEle. Talvez outras maneiras e formas tenham falhado em nos tornar semelhantes a Cristo. Vamos pôr esta maneira à prova!”



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de Maio, 116 - 3º andar - salas 16-17 - São Paulo-SP